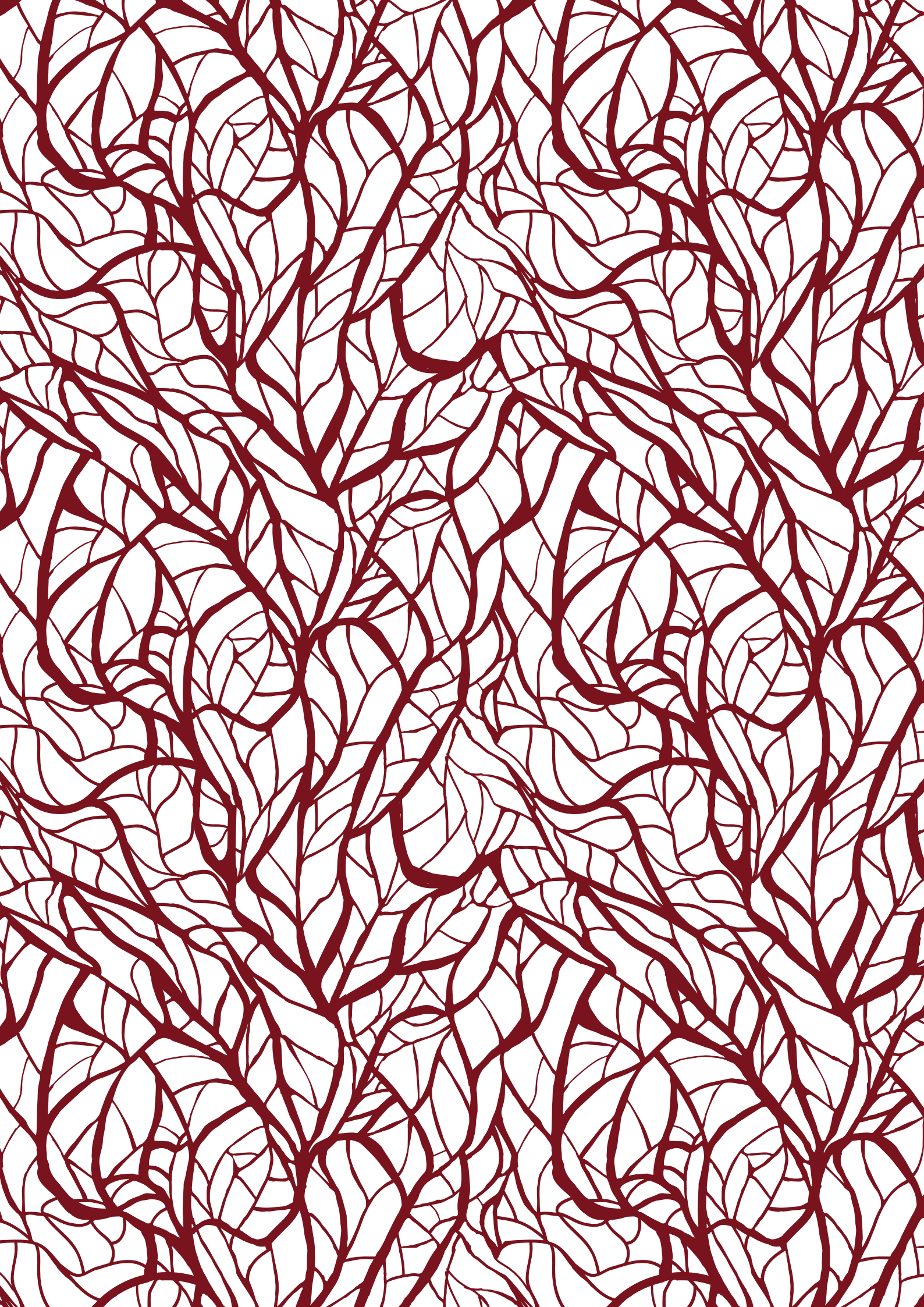




# Mulheres em círculo

Uma trajetória de 10 anos do Coletivo Naiá





**Realização**



**2013 - 2023**

Catarina Maruaia

Lina Mintz

Renata Delgado

|   |           |
|---|-----------|
| <b>A HISTÓRIA E OS FRUTOS COLHIDOS PELO “MULHERES EM CÍRCULO”</b> | <b>5</b>  |
| <b>MULHERES EM CÍRCULO ENTRE UMA CARTOGRAFIA ÚTIL E SENSÍVEL</b>  | <b>9</b>  |
| <b>INICIATIVAS MAPEADAS</b>                                       | <b>17</b> |
| <b>ABLUSADAS</b>  | <b>18</b> |
| <b>ABRE A RODA MULHERES NO CHORO</b>                              | <b>20</b> |
| <b>AMI - ASSOCIAÇÃO MÃES QUE INFORMAM</b>                         | <b>22</b> |
| <b>ARQUITETURA NA PERIFERIA</b>                                   | <b>24</b> |
| <b>AS PANDERISTA</b>  | <b>26</b> |
| <b>ASS. CULTURAL DAS MULHERES</b>                                 | <b>28</b> |
| <b>QUILOMBOLAS DE PINHÕES</b>                                     |           |
| <b>BEM NASCER</b>   | <b>30</b> |
| <b>BH+ ESTILO PLUS</b>  | <b>32</b> |
| <b>CABARÉ DIVINAS TETAS</b>                                       | <b>34</b> |
| <b>CADEIRA VOADORA</b>  | <b>36</b> |
| <b>CALCINHA DE PALHAÇA</b>  | <b>38</b> |
| <b>CAROL CARACOL ILUSTRAÇÕES</b>                                  | <b>40</b> |
| <b>CASARELAS</b>  | <b>42</b> |
| <b>CIO DA TERRA - Coletivo de Mulheres Migrantes</b>              | <b>44</b> |
| <b>COLETIVA MALVA</b>   | <b>46</b> |
| <b>COLETIVE PROVISÓRIAS</b>                                       | <b>48</b> |
| <b>COLETIVO A(R)MANDO O BLACK</b>                                 | <b>51</b> |
| <b>COLETIVO BACURINHAS</b>  | <b>54</b> |
| <b>COLETIVO LUNA</b>  | <b>56</b> |
| <b>COLETIVO MAYA</b>  | <b>58</b> |
| <b>COLETIVO NEGRAS AUTORAS</b>                                    | <b>60</b> |
| <b>COLETIVO TEREZA DE BENGUELA</b>                                | <b>62</b> |
| <b>CONNECTA MÃES</b>  | <b>64</b> |
| <b>CORAL VOZES DE CAMPANHÃ</b>                                    | <b>66</b> |
| <b>DORAS</b>  | <b>68</b> |
| <b>EMPODERA TEEN</b>  | <b>70</b> |
| <b>EMPODERE SE</b>  | <b>72</b> |
| <b>FLÁVIA LEME</b>  | <b>74</b> |



76 ITAMARA RIBEIRO

78 LUA NEGRA

80 MALI Empreendedoras

82 MALTA TAMBORERAS

84 MATRIARCAS DA SERRA

86 MINAS DE MINAS CREW

88 MINHAS PLANTAS, MEU QUINTAL

90 MULHERES DA VILA

92 MULHERES DO TECER

94 MULHERIO NETWORKING

96 NAVARANDA

98 NAVE - Núcleo Assistencial

Veleiro da Esperança

100 PRESENÇA FEMININA

102 PRESP - Programa de Inclusão Social  
de Egressos do Sistema Prisional

104 REUNIÃO DAS MULHERES

106 RPGirls

108 SAMBA NA RODA DA SAIA

110 SCHELLA SILVIA SOL

112 SE TOQUE - Arte e Sexualidade

114 SOFIA FELDMAN

116 SOLTA MINHA MÃE

118 SÔNIA ASSIS

120 TANTINHA (Aparecida Arruda)  
Ervanário São Francisco de Assis

122 TEATRO ENTRE ELAS

124 TINA DESCOLADA

126 VENTRE DE MAGDALA

129 NOSSA HISTÓRIA

141 O QUE ELAS FALARAM DE NÓS

152 FICHA TÉCNICA









## **A HISTÓRIA E OS FRUTOS COLHIDOS PELO “MULHERES EM CÍRCULO”**

Iniciativa do Coletivo Naiá que mapeou e fotografou projetos de mulheres e para mulheres.

por Lina Mintz



## O que leva as mulheres a se reunirem em projetos coletivos?

Essa foi uma das perguntas que nortearam a pesquisa do Coletivo Naiá durante os 10 anos de realização do mapeamento afetivo e fotográfico “Mulheres em Círculo”. O ano era 2013, quando em diversos espaços nasciam movimentos e articulações entre mulheres, e discussões aconteciam nas redes digitais e pessoais. Muita coisa precisava ser dita, ouvida e vivida — outras maneiras de agir e estar no mundo precisavam ser criadas.

O Coletivo Naiá surge nesse mesmo ano, com uma proposta de criação e trabalho conjuntos entre as artistas Catarina Maruaia, Lina Mintz e Renata Delgado. Foram 10 anos de muitas conversas, produções e, principalmente, apoio mútuo nos processos de cada uma. Esses encontros nos fizeram querer conhecer outras iniciativas, ampliar o debate e escutar outras histórias. Era suposto que o movimento não era só nosso e, assim, o desejo conhecer outras propostas e estar em contato com outras mulheres se concretizou no projeto “Mulheres em Círculo - mapeamento fotográfico”, que identificou 57 iniciativas que fortalecem mulheres em Belo Horizonte e região metropolitana.

A proposta foi diversificar as experiências: tanto em termos de localização geográfica quanto de área de atuação das mulheres mapeadas. Diversos trabalhos se complementavam. A demanda de





uma, muitas vezes, correspondia ao serviço ofertado pela outra e, nesse processo, constatavam-se também semelhanças. Nos mais diversos recortes, estar entre mulheres significava habitar um espaço seguro. Seguro para experimentar, errar, falar, buscar e sentir. Espaço de fortalecimento, encorajamento, potencialização de trabalhos e realização em outros moldes.

Os desdobramentos nos escapavam, diversas parcerias e trocas surgiram a partir da rede criada: os trabalhos dialogaram entre si, o material fotográfico e textual circulou em exposições, catálogos, livros, além de inúmeras outras reverberações.

Entendemos que os processos estão em constante mutação — diversos trabalhos mapeados mudaram de formato de lá para cá, se diluíram em outras histórias e propostas, assim como o Coletivo Naiá, que se despede na intenção de crescer, semear outros campos, atravessar outras fronteiras. Mas, antes disso, deixamos aqui o acervo: os 57 trabalhos que conhecemos durante essa trajetória, a memória de um movimento que potencializou a cidade de Belo Horizonte e região metropolitana, que criou espaços para outras maneiras de realizar, criar e se relacionar.



Acompanhe os frutos deixados pelo Naiá, faça buscas sobre os trabalhos e as proponentes mapeadas pelo “Mulheres em Círculo”.

Muitas delas seguem ativas e várias novidades têm surgido.





Quando  
Somos  
Mães

Somos  
Raízes  
que...

...Se  
Multiplicam  
Para  
Além

DOS  
Mistérios  
da  
Vida



**MULHERES EM CÍRCULO  
ENTRE UM CARTOGRAFIA ÚTIL E SENSÍVEL**

por Catarina Maruaia





Criar uma cartografia de iniciativas de mulheres que, de alguma maneira, fortaleça outras mulheres inaugura o costurar entre uma cartografia útil e uma cartografia imaginativa, pois o deslocamento para os espaços das iniciativas destrava internamente um lugar de resistência em mover-se, resistência em fazer um trânsito desconhecido.

A cartografia útil, então, é necessária para se chegar até essas mulheres que habitam lugares tão distintos da cidade. Contudo, cada ponto indexado no mapa marca também a elaboração de caminhos sensíveis. Marcar no mapa a existência desses fazeres nos possibilitou a constatação de que essas intimidades não permeiam os interesses de uma cidade continuamente sinalizada por bancos, shoppings, hospitais...

Determinar no mapa a existência de modos de fazer que beneficiam as mulheres é, de certo modo, reconstruir essa cidade ou, pelo menos, a compreensão e os interesses de uma comunidade. É registrar percursos sensíveis em uma cartografia útil, exatamente como encontramos nas narrativas do modo de fazer dessas mulheres que reinventam espaços tradicionais para que caibam suas urgências humanas marcadas pelos seus corpos femininos.

Muitos coletivos e iniciativas coletivas e os espaços por eles criados são transitórios: são compostos e pouco depois se decompõem para, logo adiante, seus membros se agruparem em outra formação. Eles obedecem à lógica da mobilidade, da contingência de sua época e de suas sociedades. Se há na maior parte dos coletivos estudados o traço de vida breve é por eles não seguirem nenhum regulamento externo e, sim, as suas próprias urgências. (PAIM, C., 2009, p.29)





Uma cartografia sensível seria capaz de registrar histórias em um tempo e espaço – já que a vida exige movimento, flexibilidade e é perecível, essas iniciativas, conseqüentemente, também são. Os pontos, as linhas e os desenhos de um percurso dentro de uma temporalidade criam camadas de existências, ausências e memórias, deixando no mapa um rastro de ações significativas que transformaram a vida de muitas e abriram inclusive espaço para novas possibilidades.

## **EM CÍRCULO**

Esse termo remete a significados pontos instigantes para o projeto:

***1. em roda. forma. redondo. mãos dadas. campo de força. energia. magia. infinitude. presença. estado. partilha. cura. processo.***

***2. em trânsito. movimento. andança. tempo. descoberta. trajetória. circuito. aprendizado. experiência.***

Esses dois pontos juntos resumem bem o que foi a trajetória do Naiá entre os anos de 2015 a 2020, quando visitamos 55 iniciativas de mulheres para ouvi-las, registrá-las e criarmos juntas. Encontros esses que serviram como espelho: cada história organizava em nós a nossa própria experiência enquanto coletivo de mulheres, bem como transformava as nossas vivências individuais como mulheres no mundo.

Ao ouvirmos tantas iniciativas diferentes, percebemos algo em comum entre elas: essas mulheres se uniram em coletivos para criarem desvios na ordem pré-estabelecida, sendo pontos de resistência e de enfrentamento ao que está posto, assim como observado por Paim:





Estas formações associativas por seus modos de fazer respondem de imediato à vida com a oposição ou a interrogação sobre as verdades aceitas. Resistem à alienação de si e às injustiças sociais. Criam desvios e subvertem a ordem. São procedimentos resistentes. O método que adotam é uma ação tática: apropriação de uma verdade pré-existente e produção de outro(s) sentido(s). (PAIM, C., 2009, p.25)

Contudo, há ainda algo mais específico neste caso: o fato de que os espaços tradicionais não as comportam, havendo o enfrentamento e o atravessamento do gênero, uma vez que se trata de corpos femininos. Na maioria das narrativas, as mulheres contavam, cada qual em seu contexto, como ser mulher ali onde estavam era desafiador. Eram constantes falas como: “Precisamos mostrar o tempo todo como somos boas”; “Não há espaço para erro”; “Nos falta referências anteriores de mulheres nessa área”; “O mercado não aceita o meu tempo depois da maternidade”; “O que é risível para as mulheres não é para os homens”; “Preciso conciliar as demandas da casa com aquilo a que me dedico fora dela”; “Somos assediadas, não temos nossos corpos respeitados.”. O mais interessante é que essas falas se repetiam em iniciativas completamente distintas – a narrativa era comum a coletivos de advogadas, de artistas, musicistas, raizeiras, mães, dançarinas, faxineiras...

Às mulheres o espaço público é permitido desde que carreguem a casa/família nas costas, mas essa carga lhes confere menos prestígio no espaço externo. Sair do espaço privado não é desafiador apenas por faltar um histórico de mulheres ocupando os espaços em que as novas gerações desejam estar, nem apenas pela existência de uma tripla jornada, mas pela exigência competitiva injusta, que compara homens e mulheres com parâmetros desequilibrados que





as desumanizam. Formar coletivos de mulheres, de certa forma, garantiu a elas um espaço seguro para experimentar novas formas de trabalhar, produzir ou pensar os seus modos de fazer, sendo eles sobretudo espaços de afeto e fortalecimento. Espaços de vida integrada, que iluminam na contramão do tempo escuro, que tem pressa, já que esta também era uma fala garantida: “no Coletivo eu me sinto acolhida, compreendida, aceita. Eu cresço enquanto mulher, me compreendo e descubro modos de prosseguir”. É emocionante quando podemos todas juntas perceber o quanto estar entre mulheres é revolucionário e transformador.

Mulheres, neste país, crescem com a crença de que não são amigas umas das outras, de que são falsas, roubam os homens comprometidos, sendo essas percepções reforçadas pela sociedade, cultura, mídia... Ver esse movimento das mulheres acontecendo é também, por isso, maravilhoso, pois comprova o quanto todo esse discurso é uma grande mentira, uma grande e elaborada estratégia de submissão. Cada vez que ouvíamos a história das iniciativas pensávamos o quanto era possível tornar nossa sociedade mais equânime e acolhedora. A melhor frase para descrever o que os coletivos de mulheres estão fazendo é de D. Maria, do Mulheres da Vila:

“A gente é de nós mesmo fazer avoar. E o que nós tá fazendo aqui?  
Avoando! Somos o quê? Um pássaro, mas daqueles que vai longe.”

É nesse contexto do precisar carregar a casa/família nas costas que o modo de fazer das mulheres enlaça simultaneamente o espaço urbano e o doméstico. O fazer das mulheres não fica restrito ao espaço de fora, elas são de contaminar o fora com o dentro. No trabalho, da







criação e na própria expressão, existe espaço para a intimidade, para o afeto, para os filhos, para o incentivo e para o empoderamento. Podemos ver na prática como a consciência acerca das questões de gênero e o nosso olhar para o nosso modo de fazer também ganham corpo dentro desses espaços de construção conjunta entre mulheres. Uma fala bem precisa a esse respeito vem do coletivo Abre a Roda Mulheres no Choro: “nós não nos unimos para mostrar que somos phoda, mas acabamos fazendo isso sem querer!”. Muitas, inclusive, só descobrem que são phodas depois de estarem em espaços como esses.

Em cada iniciativa a nossa presença ocorreu de um modo distinto, pois os modos de fazer das iniciativas e a sua organização eram muito singulares, assim, com algumas houve apenas um encontro e, com outras, mais de um. Todas receberam um texto e imagens fotográficas, desenvolvidos a partir dos encontros com as iniciativas, mas a construção desse material foi única. Em algumas circunstâncias, detemos na observação do fazer da iniciativa, em outras, interferimos com ensaios, vivências ou construímos a proposta de registro coletivamente.

A singularidade ainda reforça em nós uma discussão importante entre movimentos feministas, sobre como a palavra “mulher” não dá conta da história de todas as mulheres que trazem, cada uma em *sua singularidade, inúmeros outros atravessamentos, como cor, classe social, etnia, deficiência, orientação sexual, transexualidade*. Isso nos coloca em uma atitude reflexiva, em prol de encontrar um comum, mas fortalecendo a multiplicidade, sem a busca de um discurso único, transformando, assim, individualidades em singularidades.







## INICIATIVAS MAPEADAS

por Coletivo Naiá





# ABLUSADAS

A Ablusadas nasce da motivação pessoal de Robs, cantora da banda na estrada do blues há mais de 10 anos, e do encontro entre ela, Roberta e as outras integrantes do grupo: Brenda, Débora, Milena, Mel, Maravilha, Lidi, Camila e Gisele.

Uma banda de blues exclusiva de mulheres rompe estruturas sociais e paradigmas misóginos, que tentam reduzir o papel feminino na música à voz e a um padrão de objetificação da mulher sexy, delicada e disponível. As Ablusadas respondem com música a esse preconceito: “Eu não aceito você me olhar com esta falta de respeito” (trecho de “Batom Vermelho”, composição delas).

Na virada do ano de 2016 para 2017, Robs faz um pedido: “Quero uma banda de mulheres”, pedido que sai da instância do desejo e se materializa. O nome Ablusadas foi uma escolha coletiva que diz muito do que elas vieram mostrar – são as “abusadas do blues”, já que, para além de uma banda de qualidade, exclusiva de mulheres, num universo extremamente difícil,

**Saiba mais em [@ablusadas](#)**



elas ainda enfrentam a elitização do estilo, produzindo blues e jazz em português, com músicas autorais e arranjos arrojados para o tradicionalismo existente. Elas estão aproximando o Blues e o Jazz das pessoas, e fazem isso de uma forma fantástica.

As Ablusadas ainda fazem questão de incentivar outras artistas dos locais onde se apresentam, mostrando que o fortalecimento umas das outras é mais que um discurso cantado, é também vivido. As letras autorais falam, inclusive, de questões humanas, da vida delas próprias, que acabam encontrando coro na semelhança das experiências de todas nós.

Da primeira apresentação oficial como banda no Mulheres no Museu, em 2017, até agora, foram inúmeras vivências e apresentações. Resumindo, as Ablusadas são marcantes, subversivas, intensas. São vermelho sangue. Uma construção bem feita, dessas que duram para a posteridade.

E assim desejamos vida longa a esse projeto incrível! Que sejam inspiração para muitas outras mulheres colocarem os seus próprios talentos no mundo!





## ABRE A RODA MULHERES NO CHORO



Imagine o impacto de assistir uma roda de choro composta exclusivamente por instrumentistas mulheres. Agora, imagine essa roda com 16 delas. Imaginou?

É o que causa o Abre a Roda Mulheres no Choro.

Foi justamente o incômodo que a atriz, cantora e produtora Michele Barreto sentia com a ausência de mulheres em rodas de choro que a levou, em 2017, a iniciar uma busca por mulheres que tocavam essa modalidade em Belo Horizonte. A partir desse levantamento, ela as convidou para participar de um ensaio aberto e definir um repertório para as primeiras apresentações.

Inicialmente, a proposta do grupo era fazer uma apresentação por mês em bares geridos por mulheres. Porém, em 2018, Michelle Barreto mudou-se para São Paulo e o grupo, sem a idealizadora e articuladora dos shows e rodas, permaneceu por um período à deriva.

Depois de um tempo, o grupo se reorganizou e criou um núcleo gestor das atividades responsável por cuidar e priorizar as ações do Abre a Roda Mulheres no Choro. Atualmente, elas se apresentam de forma itinerante em bares e espaços culturais da cidade, assim como em festas e eventos por contratação.

Os ensaios, restritos ao grupo, são momentos de transformação pessoal e profissional proporcionados pela música e troca entre mulheres.

Estar entre essas mulheres, musicistas e instrumentistas, ressoa na alma as sutilezas de um feminino múltiplo, que ultrapassa os padrões definidos para a música e o gênero. Elas estão por aí, inspirando mulheres, representando lugares possíveis a todas aquelas que desejam ocupá-los. E mostram de uma maneira irreverente o próprio modo de fazer música, uma vez que a arte entre essas mulheres dá espaço ao apoio, ao encorajamento, à potencialização do que elas têm de único. Elas não estão aí para provar que são phoda, mas acabam fazendo isso sem querer!

**Saiba mais em [@abreardamulheresnochoro](#)**









## AMI - Associação Mães que Informam 5 minutos pra mim



A maternidade traz consigo muitas maravilhas e aprendizados, mas também nos apresenta sombras que nos desafiam num lugar visceral. A culpa, a preocupação, o julgamento, o isolamento e a auto anulação são experiências comuns ao “ser mãe” e ainda mais intensas quando se trata de ser mãe de filhos com deficiência.

Adriane Cruz, responsável pelo surgimento da AMI (Associação Mães que Informam), é mãe de um filho com deficiência que precisou brigar muito para ter acesso aos direitos dele e compreender os seus próprios. Adriane nos conta que durante algum tempo se anulou enquanto mulher, enquanto ser humano, em prol do bem-estar do filho e que enquanto brigava por ele se esquecia cada vez mais dela, e nem se dava conta disso. Ao entrar em contato com outras mães que vivenciavam a experiência de maternar filhos com deficiência há mais tempo que ela, pode enfim perceber que essas mulheres não mais existiam, mesmo depois de os filhos já se encontrarem em fase adulta.

Compreender a ausência de si mesma fez com que ela resgatasse a vontade de estar viva e buscasse um novo caminho, o qual supriria o ser mãe e o ser mulher. Foi aí que Adriane, junto a Andreia, Neide e Cláudia, iniciou a retomada da própria vida e, em seguida, criou o AMI, para apoiar e ressuscitar outras mulheres.



A AMI vem fornecer informação e facilitar o caminho de mães de filhos com deficiência no que diz respeito ao acesso a direitos e serviços, e, além disso, promove encontros abertos. Esses encontros fazem parte do projeto “5 minutos pra mim” e visam proporcionar um momento para que essas mães se cuidem, se apoiem, troquem experiências e resgatem ali os prazeres da vida. Além dos encontros mensais, o projeto atua a partir da demanda das mulheres, promovendo acesso à cultura, a momentos de lazer e a oficinas. Para tanto, elas contam com um grupo de WhatsApp que aproxima as mulheres e gera novas conexões.

Ao conhecer a realidade de vida de muitas mulheres, a partir das trocas ocorridas ao longo do tempo, a AMI compreendeu que as participantes apresentavam outras questões que precisavam ser olhadas, como a dificuldade de obter autonomia financeira, a falta de apoio familiar e situações abusivas. Assim, inauguram agora o Família Empreendedora, movimento que busca o desenvolvimento da autonomia financeira dessas mulheres a fim de facilitar o posicionamento diante de situações abusivas e de limitação de acesso.

A AMI vibra com a energia de Adriane, uma mulher alto astral, ligada e extremamente humana. É lindo o fazer da associação, que é bem definido pelas palavras de sua fundadora: “Eu amo viver. Tenho tanto amor pela minha vida que quero dar vida a todas as mulheres!”

**Saiba mais em [@amiassociacaomaesque](https://www.instagram.com/amiassociacaomaesque)**





## ARQUITETURA NA PERIFERIA

Apoio mútuo, aprendizados e materialização. Em uma rede colaborativa, o projeto Arquitetura na Periferia vem, tijolo a tijolo, modificando a crença de que construir “é papel de homem”. Juntas, a equipe técnica do projeto e mulheres moradoras de ocupações urbanas têm somado força de vontade e conhecimentos para construir e reformar suas casas.

Estivemos com elas em um encontro na Ocupação Eliana Silva. Chegamos no sábado pela manhã e já fomos convidadas a ajudar no mutirão de transporte das cerâmicas que tinham acabado de chegar, doações conseguidas pela equipe técnica do projeto. Fomos recebidas com cafezinho e muita alegria na casa da Carla. A oficina consistiu em colocar o piso da casa dela. Sob a orientação da Celir, mestre de obras, vimos as mulheres se revezarem no preparo da argamassa e na colocação da cerâmica, com muitas trocas, perguntas, brincadeiras e bate-papos. Vimos mulheres construindo sua própria realidade, sua morada, com força de vontade e presença.

O projeto surgiu através de uma pesquisa de mestrado da arquiteta Carina Guedes, de 2013. Hoje ele é composto por uma equipe técnica voluntária que conta com arquitetas, estudantes de engenharia, psicóloga e uma mestre de obras. Tudo começa com as moradoras das ocupações desenhando os projetos de suas casas. Cada uma traz, nesse traçar, suas necessidades e desejos pessoais. Alguns meses depois, aos finais de semana, todas se encontram para participar, gratuitamente, de oficinas práticas nas quais aprendem técnicas de construção. Sob a orientação e incentivo da equipe, as mulheres aprendem as várias etapas de uma construção através do próprio fazer. A cada encontro se reúnem na casa de uma delas, somando forças para materializar os desejos projetados. Cada casa, uma etapa. E a cada encontro uma necessidade é atendida. São mulheres se reconhecendo protagonistas do construir, reconhecendo-se capazes de ir além do que acreditavam conseguir.

**Saiba mais em @arquiteturanaperiferia**







## AS PANDERISTA

As Panderista: “As” por todas e “Panderista” pela força individual de cada uma.

Encontros descontraídos, espaços para experienciar e aprender dançando, tocando, cantando, trocando. O erro vira sorriso. A mana do lado te ajuda a retomar o ritmo e você sente que tá tudo certo! Cada uma no seu tempo, mas todas juntas! A Manu Ranilla, a Anna Lages e a Luísa de Paula conduzem esses momentos em harmonia, com escuta e respeito. Que lindo que é poder aprender juntas!

As Rodas de pandeiro As Panderista surgem, em 2016, a partir de uma demanda que chegou para a Manu, de algumas de suas alunas de percussão, de ter mais espaços, entre mulheres, para práticas com o pandeiro.

Para além do aprendizado técnico, as rodas têm o intuito de proporcionar o acesso de cada vez mais mulheres ao universo da percussão: acesso geográfico, com encontros sempre próximo à estações de metrô; financeiro, com contribuições simbólicas; e de aprendizado, através de metodologias que podem ser compreendidas por todas, independentemente do nível de intimidade que já tenham com o instrumento.

Hoje, o coletivo percussivo feminista As Panderista, além das rodas de pandeiro, que seguem sendo abertas, fazem apresentações com, principalmente, músicas autorais das três condutoras.

De 2 a 150 mulheres. É um movimento cíclico, fluido, de liberdade e diversidade, onde se trabalha o corpo, a voz, a escuta, a troca, o apoio mútuo. Um espaço de reafirmação: a gente chega na roda e vê esse empoderamento na prática, nesse momento que é nosso. E quando a gente tá ali abre-se uma percepção de que é possível. E que quando a gente tá junto isso tem uma outra força, muito maior. (Luísa de Paula)

**Saiba mais em @aspanderista**







## ASSOCIAÇÃO CULTURAL DAS MULHERES QUILOMBOLAS DE PINHÕES



O saber das mais velhas, das mulheres de Pinhões, são memórias que escrevem a história da comunidade. Legado passado de geração em geração, das avós às filhas, das filhas às netas e aos netos, que compõe o modo de ser quilombola.

A Associação Cultural das Mulheres Quilombolas existe a partir do desejo de valorizar e preservar as tradições existentes na comunidade nesses mais de 100 anos de história, sendo, mais que um movimento que inspira a continuidade dos saberes, uma iniciativa que vai ao encontro da necessidade de possibilitar uma qualidade de vida aos moradores, tendo a manutenção das práticas culturais e a luta por direitos como pilares para a preservação da história.

A Associação surge em 2006, no centenário da Igreja Nossa Senhora do Rosário, momento no qual se realiza uma homenagem às “famílias construtoras da cidade”. A partir daí cria-se a Associação das Mulheres Quilombolas de Pinhões, a fim de registrar e buscar a história do povo, além de representar a comunidade em seus diversos interesses e lutas.

A associação realiza plenárias abertas a todos os interessados e promove cursos, oficinas, palestras e parcerias, inserindo as mulheres em novas experiências externas e reafirmando outras ancestrais, de retorno à terra.

**Saiba mais em @acmqppinhoes**









“Qual é o melhor tipo de parto? O que a mulher se sintam bem e segura”. (Bem Nascido)

Estivemos na roda de gestantes promovida pela ONG Bem Nascido no sábado pela manhã. O tema foi “A dança do parto”: “Bem vindas!! Se apresentem, mães, pais e o bebê que está aí dentro”. Houveram lanches compartilhados, trocas de experiências e orientações sobre a fisiologia do gestar e do parir.

O movimento Bem Nascido surgiu em 2001 com o objetivo de dar suporte para quem buscava por partos humanizados e também de disseminar essa experiência. Surgiu com o intuito de reivindicar o respeito ao nascimento, à mulher e ao bebê. Naquele tempo, os espaços de acolhimento e orientação a gestantes eram praticamente nulos. Hoje, a partir de iniciativas como esta, surgiram diversos outros grupos que promovem ações em prol do parto com respeito, que acolhem e respeitam os desejos da mãe, do bebê e da família.

A ONG Bem Nascido promove as rodas de gestante, o “Chá de Bênçãos” coletivo e a moderação de grupos no Facebook e pequenos grupos de WhatsApp dos quais participam gestantes e mães com bebês com até 6 meses de diferença de idade - tudo gratuitamente. Promove também cursos pagos de preparação para o parto com a mãe, o pai e o bebê.

**Saiba mais em [@movimentobemnascido](#)**



“Gordofobia é ter os seus direitos cerceados”. (Sandra Costtà)

É por exemplo chegar em um hospital e não ter um aparelho de pressão que fecha no seu braço porque a circunferência dele é maior que a do aparelho. É, enquanto consumidora, não ter roupas que se adequem ao seu tamanho e, por consequência, ter que usar “o que cabe”, e não o que gosta e sente que a representa.

Muitas marcas de roupas, calçados e acessórios plus size começaram com peças produzidas para consumo próprio. Sandra Costtà foi uma destas mulheres que, através da produção de biquínis plus size, percebeu que uma simples peça de roupa pode transformar uma pessoa. Ela viu mulheres radiantes indo à praia, à piscina, após anos sem essa vivência, por terem biquínis feitos para elas. E ela nos disse:

Quantas mulheres gordas não conseguem emprego, porque não podem se vestir adequadamente para uma entrevista de emprego? Se ela não está confiante em como ela está se vestindo, ela transparece essa insegurança.

E no intuito de facilitar o acesso, dar visibilidade e proporcionar um espaço centralizado e focado em diversas opções de vestimentas para a mulher gorda, a Sandra criou em 2015 a feira “BH+ Estilo Plus”. Trata-se da primeira feira plus size em Belo Horizonte com, em sua grande maioria, mulheres empreendedoras de todo o país que passaram por dolorosos processos de aceitação do corpo e hoje fazem das suas vivências um meio de sobrevivência, ajudando outras mulheres nesse processo, através da garantia e acesso a roupas e acessórios que fortaleçam a imagem política do corpo gordo!

Além da feira, várias outras atividades fazem parte do Movimento BH+ Estilo Plus, as quais visam proporcionar espaços de afirmação, consumo consciente, acolhimento, fortalecimento da autoestima e do amor próprio. Tudo isso através de um grupo de troca pelo WhatsApp, festas body positive, desfiles, rodas de conversas sobre temas como gordofobia, distúrbio de imagem, pressão estética, distúrbios alimentares, saúde e beleza.







## CABARÉ DIVINAS TETAS

A palhaçaria também é um espaço predominantemente masculino, não só em termos de protagonismo, mas, principalmente, em vista do que foi estipulado como risível. No bate papo com as palhaças do Divinas Tetas, muitas relataram que tiveram seu trabalho diminuído ou mal compreendido em suas trajetórias devido ao que era exposto por elas. Muitas delas por vezes questionaram a própria competência ou se sentiram deslocadas por não se sentirem completas ao assumirem a sua arte.

Em 2017, após assistirem em São Paulo um cabaré de palhaças que compunha parte do festival Palco do Asfalto, algo foi despertado em Daniela Rosa e Dagmar Bedê. Mexidas com o processo que vivenciaram, elas se reuniram com outras palhaças de BH e inauguraram o Cabaré Divinas Tetas com direção artística de Adriana Morales.

A proposta do Cabaré Divinas Tetas é, de acordo com Poliana Tuchia, “experimentar para além do óbvio assuntos tão caros a nós mulheres. Assuntos que remexem tudo por dentro, que são do humano, mas que entre mulheres emergem de um jeito diferente”. Elas são incríveis – levantam a bandeira da mulher palhaça e estão fazendo história.

Não há muita visibilidade para as referências da palhaçaria feminina. Por vezes mulheres palhaças se apersentavam como palhaços e tiveram que se enquadrar no risível pré-estabelecido. Elas então inauguram uma forma de fazer arte em um formato de festa, uma palhaçaria adulta para falar do feminino além do útero.

E sabe o que aconteceu? O rolê pegou e elas mostraram para o que vieram. Não fazem revolução apenas na história da palhaçaria – elas se transformam, se fortalecem na intimidade, na vida pessoal, nos bastidores e, claro, estendem essa potência às mulheres que assistem o espetáculo, às que têm a oportunidade de participar do processo e inspiram quem inicia o caminho como palhaça.

**Saiba mais em @plataformadivinas**







Nossas rodas podem ganhar o mundo.

(Blog Cadeira Voadora)

Laura Martins, idealizadora do projeto Cadeira Voadora, nos inspirou com exemplos de foco, clareza e determinação em sua vida e trabalho. Na sua casa, ambiente super aconchegante, ficamos encantadas com as histórias que ela compartilhou.

Em 2011, Laura, criou o blog Cadeira Voadora no intuito de compartilhar com outras pessoas com deficiência suas experiências. Inicialmente, experiências de viagem e dicas de turismo, no intuito de instigá-las a sair de casa, e, ao longo dos anos, o blog foi ganhando novos assuntos, colaboradores e muitos seguidores. Hoje, além das dicas e relatos de viagem, fala também sobre direitos e tecnologias para pessoas com deficiências.

A ideia do blog é despertar no outro a crença de que ele pode fazer muito por si mesmo. “O blog é muito pra cima. Ele não tem a intenção de culpar ninguém por nada. Trabalho com o pressuposto de que todos nós somos responsáveis pela nossa própria vida. Independentemente de haver justiça social, de seja lá o que for, a gente sempre tem margem para escolha”, aponta Laura.

Ela nos falou também sobre os vários retornos positivos que já recebeu. De histórias de empoderamento e tomadas de atitudes de muitas pessoas a partir do blog. Do quanto ela se sente realizada em ver seu trabalho modificando a vida de outras pessoas e, principalmente, a sua própria vida. Do quanto ela aprendeu e se empoderou ao longo da história do Cadeira Voadora.

Ficamos muito felizes de conhecer mais de perto este trabalho maravilhoso que nos instiga a olharmos para nossos sonhos e refletirmos que torná-los realidade é também nossa escolha.

**Saiba mais em @cadeiravoadora**







## CALCINHA DE PALHAÇA

O coletivo Calcinha de Palhaça surgiu em 2012 e, desde a sua formação, promove encontros para discutir a presença da mulher na arte da palhaçaria, realiza apresentações na capital mineira e participa de movimentos sociais.

O Calcinha de Palhaça criou e produziu calendários anuais inspirados nos calendários de borracharia. O Calendário de Palhaçaria Feminina foi criado em parceria com o Coletivo Naiá e promove um debate e reflexão acerca de questões do universo feminino, além de questionar a imagem da mulher objetificada.

A proposta do coletivo também é agrupar artistas que buscam experimentar a linguagem da palhaça e da comicidade feminina, além de pesquisar o lugar da mulher no humor.

**Saiba mais em [@calcinhadepalhaca](#)**









## CAROL CARACOL ILUSTRAÇÕES



Carol Caracol Ilustrações surgiu do fazer de Carol Fernandes como professora da Educação Infantil. Carol é Pedagoga, apaixonada pelo trabalho de promoção de leitura literária, e seu contato com a primeira infância, norteado pelo conceito da livre expressão, possibilitou explorar linguagens artísticas com as crianças e desenvolver projetos que interligam literatura e arte a assuntos considerados difíceis, como: identidade de gênero, sexualidade, amor, racismo e representatividade.

Carol Fernandes entende o espaço de atelier vivenciado no cotidiano da sala de aula como responsável por tornar visível a pulsação criativa que a habitava. Ela ilustra por meio da aquarela a fim de acessar mulheres e crianças num lugar sensível que as permita fruir um feminino geracional, ancestral e mítico. Ela também faz a literatura para a infância negra, produzindo livros de qualidade, não didatizantes, que dialogam com diferentes debates dos movimentos sociais, e confessa: “é um desafio!”

É uma mulher inspiradora. Uma mulher sensível. Dona de uma percepção, de uma condução singular que equilibra firmeza e leveza ao tratar de questões humanas com crianças de uma forma profunda. É de arrepiar e chorar de emoção acompanhar o trabalho de Carol Caracol.

Por alimentar a esperança de um novo projeto de sociedade por meio de uma educação libertária, não apenas escolar, mas contextual, Carol passa a ofertar oficinas nas quais cria artifícios para explorar linguagens criativas e debater os assuntos já tão familiares em seu trabalho. E segue fortalecendo meninas, sensibilizando meninos e apoiando famílias a continuarem uma formação positiva e emancipatória.

**Saiba mais em @carolcaracolilustra**





Elas se legitimaram artistas afirmando que são. Criaram seu próprio espaço para exercerem, criarem e viverem a arte: deram lugar e criaram oportunidades umas para as outras, apoiando e sendo apoiadas. Juntas se alimentam de forças para serem quem são, para se colocarem no mundo. Acreditam no coletivo como articulador de rede, uma teia de mulheres que se fortalecem.

As Casarelas são um espaço físico, mas também um estado de espírito. A residência artística fala do estado de residir: o dia a dia é a performance; o cotidiano é a matéria para a criação. O alimento, o cuidar, o quintal... Isso tudo é reelaborado pelas performances, intervenções e ocupações que carregam as experiências vivenciadas na casa amarela.

São bruxas ciborgues, deusas com roupas de plástico. São o íntimo e o exposto, o indivíduo e o coletivo, o residir e o expandir. Elas acreditam nas mulheres. Acreditam nelas mesmas e valorizam o que conseguem fazer, cada uma dentro de suas limitações. “Mais roda e menos palco” – elas nos convidam a ritualizar o viver, a apreciar o fazer!

**Saiba mais em [@casarela.s](#)**







**CIO DA TERRA**

## **COLETIVO DE MULHERES MIGRANTES**

Na entrada da feira de artesanato, fomos recebidas com um abraço caloroso da Laura (Peru). As mulheres ainda estavam montando os estandes. Cada uma com seu trabalho artesanal ou culinário, e tudo sendo preparado com muita alegria e cuidado. A feira estava adornada com bandeiras dos países natais das participantes. Lá tinha artesanato, comidas e músicas típicas do Peru, Chile, Argentina, Síria e Senegal.

O Cio da Terra é um coletivo de mulheres migrantes que surgiu dentro do projeto Mulheres do Centro Zanmi, em 2016. Lá aconteciam encontros para trocas de experiências entre mulheres migrantes. Foi uma forma que a Luciana Pereira (Brasil) encontrou de fomentar a integração dessas mulheres à realidade e cultura brasileira. Como elas mesmas nos contaram, morar em um país diferente do seu traz uma série de desafios que segregam, como a língua, o trabalho, a comida, o ser mulher estrangeira e os choques culturais que acontecem por isso.

Em 2017 o Coletivo se consolidou: “O nosso lema é que somos terra fértil sem fronteiras. E terra fértil no sentido de criar” (Laurita Queslloya). Além de dar prosseguimento às rodas de conversa, passaram a propor encontros temáticos que discutem questões como direitos da mulher migrante e culturas de seus países. Além disso, com a iniciativa da Marinela Herrera (Peru), passaram a participar e promover feiras multiculturais de artesanato e gastronomia. Ela, com experiência de 18 anos trabalhando como autônoma em Belo Horizonte, busca incentivar a integração cultural e a autonomia financeira das participantes do coletivo: “Quando cheguei ao Brasil, vim na cara e na coragem sozinha. E muitas pessoas me apoiaram para me entrosar. E quero fazer o mesmo por minhas iguais. Quero trabalhar com essas mulheres; são minhas semelhantes.”

Partilhamos um dia muito especial cheio de acolhimento e simpatia ao lado dessas mulheres inspiradoras. Temos certeza que ainda tem muita história linda vindo por aí. Cio da Terra é espaço de partilha, união, visibilidade e sororidade.









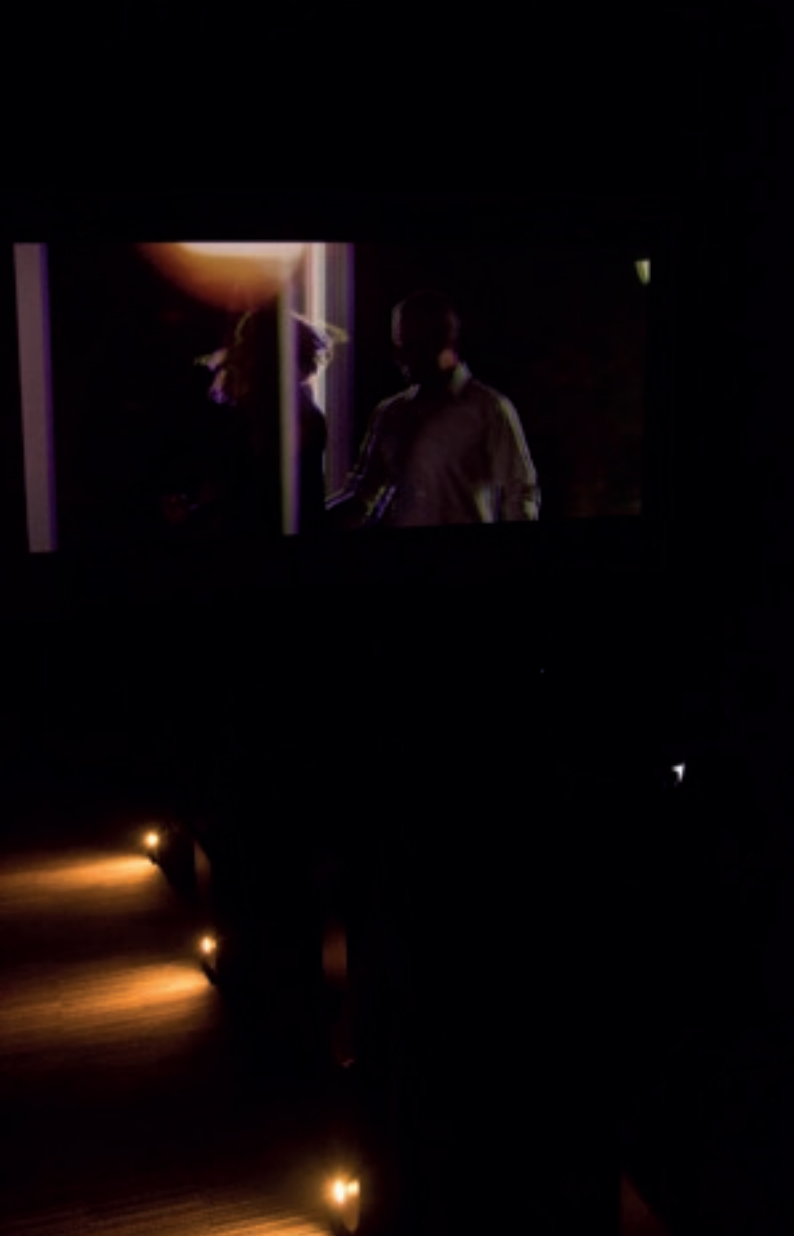
Numa sala de cinema, muita história pra contar. Filmes que falam das muitas faces do feminismo e do ser mulher. Filmes dirigidos por mulheres que nos fazem refletir e crescer. Tudo isso e muito mais compõe a Mostra de Cinema Feminista, promovida pela Coletiva Malva.

A Coletiva Malva e a mostra nasceram em 2015 junto à Diversas - Feminismo, Arte e Resistência, movimento colaborativo que uniu várias mulheres de BH para produzir e exhibir artes produzidas por mulheres na cidade. Trata-se de quatro mulheres, de áreas profissionais distintas, que se uniram por uma paixão comum, o cinema. A mostra tem o objetivo de fomentar a visibilidade e valorização do cinema feito por mulheres.

Em sua primeira edição, foram inscritas e exibidas 6 horas de filmes de diretoras mineiras. Na segunda edição, já tiveram a inscrição de 50 filmes e a primeira curadoria para a exibição. No terceiro ano, com apoio do Sesc, receberam a inscrição de 120 filmes. E em 2018, foram 380 filmes inscritos de vários lugares do mundo e 69 deles foram exibidos no mês de março, sendo 24 deles de diretoras negras. A mostra acontece para além da exibição dos filmes – após algumas sessões são propostos debates entre público e convidadas.

Estivemos na Sessão “Meu Corpo Minha Revolução” e assistimos a filmes e debates que nos emocionaram. Saímos de lá instigadas e cheias de assuntos na cabeça para debater e refletir, e, claro, muito desejo de assistir muitos outros filmes produzidos por mulheres. E como elas mesmo disseram: “Só do filme ser feito por mulheres, no cenário que existe hoje, é um ato político.”

**Saiba mais em @coletivamalva**





## COLETIVE PROVISÓRIAS

O Coletive Provisórias propõe a experimentação e o intercâmbio entre a linguagem do vídeo e da dança, numa interação entre corpos, espaço, luz e sentidos.

Composto por mulheres com experiências e formações artísticas diversas e transdisciplinares, o grupo se constituiu em 2015 na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, com o nome Coletivo Provisório, a partir do improviso na dança e da transitoriedade do movimento no cotidiano e na sociedade que vive em transformação e, portanto, em constante provisoriedade. Em 2016, tendo em vista a representatividade de gênero e a proposta de trabalho desenvolvido, o coletivo passou a denominar-se Coletivo Provisórias. Posteriormente, passaram a se intitular Coletive Provisórias.

Com a perspectiva de produções colaborativas e independentes entre mulheres, o grupo tem como objetivo promover a pesquisa e o desenvolvimento de trabalhos artísticos em que a inspiração para a criação seja a transversalidade entre as artes do corpo, da cena e do audiovisual.

**Saiba mais em [@coletive.provisorias](https://www.instagram.com/coletive.provisorias)**









# CABELOS QUE CARREGAM HISTÓRIAS

por Dan Costa

Contam que grupos nômades do continente africano viajavam meses a fio carregando suas histórias, suas raízes e sementes. As histórias iam na memória, e ao serem contadas fortaleciam as raízes que mantinham aqueles grupos de pessoas conectadas entre si. Já as sementes, estas iam nos cabelos das mulheres que, ao chegarem ao lugar onde fariam pouso, chacoalhavam as cabeleiras, lindas cabeleiras livres e soltas, espalhando as sementes e fertilizando a terra.

Quando em solo estrangeiro, essas pessoas se encontraram prisioneiras, sofreram com provações tremendas. Não se esquecendo das histórias guardadas em suas raízes, trataram de guardar em suas cabeleiras parte do ouro que eram obrigadas a extrair. Alguns conseguiram comprar suas liberdades, outros foram pegos e seus cabelos ainda livres também entraram no cativeiro. Trataram de prender e cortar e domar esses cabelos rebeldes que tanto atentavam contra a autoridade. Cabelos domados não promovem rebelião.

Mas histórias guardadas em memórias de raízes profundas jamais são esquecidas e são uma arma a favor da liberdade. Um dia, o povo dos cabelos que carregam sementes e ouro conseguiu se ver livre de novo, depois de tanta luta. Agora tratam de libertar seus cabelos, tão bonitos, para que possam continuar a carregar suas riquezas.







## COLETIVO A(R)MANDO O BLACK



Em 2015, depois de conhecermos o coletivo A(r)mando o Black, propusemos uma parceria para a produção de um calendário fotográfico que teve como linha condutora de criação este texto maravilhoso disponível a seguir, escrito por uma das administradoras do grupo, Dan Costa. O calendário foi custeado e vendido por todas as participantes e o projeto se desdobrou também em uma exposição que circulou em localidades diversas.

O coletivo A(r)mando o Black é um grupo que tem como proposta trocar informações sobre os cuidados com o cabelo crespo, a transição do cabelo quimicamente tratado para o cabelo natural, o incentivo e fortalecimento de homens e mulheres em sua negritude para o enfrentamento e combate ao racismo, através do reconhecimento e posse da própria identidade. As mulheres também propõem encontros presenciais para cuidarem do cabelo uma das outras, perpetuando uma prática ancestral de afeto e união entre as mulheres negras.







## COLETIVO BACURINHAS



Recebidas com sorrisos e abraços calorosos na casa da Manu, conversamos sobre a história das Bacurinhas. Um papo cheio de memórias e reflexões sobre os desafios e as demandas de ser mulher, artista, ativista nos contextos atuais em nossa cidade e país. Com café e bolo na mesa, falamos sobre o crescimento e amadurecimento de todas ao longo dos processos do coletivo. Sobre as repercussões dos trabalhos do coletivo e as transformações que elas mesmas vivenciaram, na cidade e em seus contextos sociais e familiares ao longo desse trajeto.

As Bacurinhas são um coletivo de atrizes, performers, produtoras e pesquisadoras que tem como cerne tratar das pautas dos feminismos e dos femininos no teatro. O coletivo se formou em 2014 com o espetáculo *Calor na Bacurinha*, que investigou as feminilidades. Dentro disso, investigaram as ondas históricas do feminismo, apontando para questões do feminismo negro, latino americano e interseccional: “não entendendo como feminino somente o corpo da mulher cisgênera e a norma do que é ser feminina”, aponta Manu. Investigaram assim os dizeres sociais do que é feminino e essa construção histórica. De lá para cá, circulam com o espetáculo, que amadureceu, ganhou novos formatos e desdobramentos, levando o coletivo para outras linguagens e propostas estéticas de trabalhar com os feminismos dentro da arte em ações como: “Bacurinhas em Debate”, “Bacurinhas em fexta”, “BacuBanda” e “M.O.T.I.M”.





O coletivo promove também ações formativas em escolas, tanto para professores quanto para estudantes.

O espetáculo Ópera Bruta, na contramão do espetáculo anterior do grupo, investiga as masculinidades, os corpos, dizeres e ações das masculinidades, mesclando técnicas como drag king e danças típicas dançadas apenas historicamente por homens. Resumindo, os trabalhos do Coletivo Bacurinhas pretendem rever as construções de gênero e os papéis sociais determinados a cada gênero como conhecemos, reinventando-os a partir do teatro, propondo novos caminhos, uma linguagem social e estética dentro da arte.

Falar, criar e ser feminista é um caminho que lida tanto com o campo individual quanto coletivo. Parte de reconhecimento e reconstrução de si mesmas em relação a si e ao mundo, de trazer à tona nos corpos e no fazer artístico aquilo que ressoa das nossas trajetórias enquanto mulheres e cidadãos. As Bacurinhas são um exemplo desse processo de se permitir olhar para o que dói e transformar feridas, incômodos em poesia, expressando pelo corpo e pela voz ideias de libertação e visibilidade construídas por muitas outras vozes. Vocês nos representam.

**Saiba mais em [@bacurinhas\\_](#)**





O Coletivo Luna é uma iniciativa social, sem fins lucrativos, que atua com atividades formativas para jovens. Formado em 2016, inicialmente pela Camila Moura, Erika Divina e Débora Andrade, o coletivo promove oficinas, vivências, exposições e rodas de conversa que permeiam três eixos principais: sexualidade, gênero e raça.

No Projeto “Papo de Meninas”, uma das principais atividades que elas promovem, meninas entre 10 e 14 anos têm a oportunidade de refletir sobre afirmação identitária, de gênero, de raça, feminismo, sagrado feminino, sexualidade, entre outros temas. É inspirador ver jovens, já nessa idade, através do espaço de acolhimento, fala e escuta, reconhecerem e afirmarem seus potenciais como mulheres.

São histórias que se correlacionam. Quando encontro com essas meninas, somos nós falando: “Olha, eu vejo você. Você não está passando por isso sozinha. A gente está aqui, a gente tá se fortalecendo”. Então, se tem alguém me vendo, eu posso fazer um movimento aqui. Eu posso sair, inclusive. Encontrar outras portas, outros lugares, outras possibilidades.

O que me move a fazer o que eu faço é saber que isso pode mudar a vida delas, porque isso mudou a minha vida. Foi a oportunidade que eu tive de encontrar com bons professores que despertou hoje a mulher que eu sou. E acho que essas trocas contribuem, para nós enquanto mulheres, para as meninas que estão crescendo, para outros grupos, para outros coletivos.  
(Erika Divina)

O coletivo cresceu e é composto por 9 integrantes, que em apoio mútuo também se fortalecem entre si. Tem o objetivo de descentralização, promovendo atividades nas favelas, em escolas e espaço públicos com temas voltados para os direitos sociais, a fim de criar um ambiente que motive a consciência desses jovens de seus direitos e poderes, possibilitando o pensamento crítico e livre necessário ao alcance de novas perspectivas.







## COLETIVO MAYA

A necessidade de compartilhamento na criação das crianças e companhia para atravessar os desafios de ser mãe, junto com a paixão pela dança e vontade de criar, uniu essas mulheres poderosas que trabalham o corpo como forma de empoderamento.

A postura, a forma como nos colocamos corporalmente nos espaços, está diretamente atrelada a nossa autoestima e confiança. O Coletivo Maya acredita que a dança é também política.

O vogue, breaking, afrocolombiano, contemporâneo, funk e outras modalidades de danças são trabalhadas pelo grupo, que está criando seu estilo próprio em um ponto comum de intercessão entre essas vertentes.

O coletivo tem encontros de treino do próprio grupo, além dos treinos abertos. O diferencial desses momentos é que as crianças, além de bem vindas, contam com espaço e atividades destinadas para elas. Dessa maneira, as mulheres do Maya criam a possibilidade de mães terem um espaço para ativar e reconhecer seu corpo, condições para participarem de atividades focadas nelas, para se redescobrirem como mulheres. Elas são mães, e isso está incluído em seus trabalhos.

**Saiba mais em [@coletivomaya](#)**





## COLETIVO NEGRAS AUTORAS

Do portão, já respiramos inspiradas ao escutarmos vozes entoando rezos. Manu Ranilla veio nos receber, com um abraço caloroso e receptivo. Na casa dos fundos, um lar acolhedor repleto de plantas. Lá estão Júlia Tizumba, Nath Rodrigues, Elisa de Sena e Vi Coelho. Cinco mulheres, negras, cantautoras, com seus tambores, bateria, violino, violão, patangome, gungas...

Numa conversa regada a improvisos musicais e muitos sorrisos, escutamos histórias desse coletivo de política poética. A Manu nos contou que o coletivo surgiu através do convite da Eneida Baraúna: “foi para tirar nossas composições da gaveta e nos fortalecermos. Compositoras todas éramos, todas escrevíamos e tínhamos coisas guardadas”. E em 2015, com a aprovação em um edital, várias parcerias e muita força de vontade de fazer acontecer, surgiu o espetáculo cênico musical N.E.G.R.A. Mais tarde, surgiu o espetáculo ERAS. E o Coletivo seguiu com os dois espetáculos circulando e se apresentando por vários lugares.

Como nos contou a Nath, vários trechos dos espetáculos são “textos da vida da gente, uma recriação da nossa realidade”. “Falamos da atemporalidade. Dessas vozes que atravessam o tempo. Das nossas ancestrais mais longínquas, desde a África até as mais próximas, nossas avós, mães, a gente, nossos filhos” (Júlia). “Inicialmente não pensamos em falar sobre feminismo e questões raciais, mas naturalmente isso aconteceu porque nossa vida gira em torno disso. Viver já é um ato político” (Elisa).

Trazem histórias de ser mulher e de ser mulher negra. Histórias de representatividade que inspiram e que se refletem outras vivências: “É pra essa mulher negra que tá vendo o espetáculo se identificar, porque falamos de coisas que vivemos no dia a dia. É poetizar a vivência da mulher negra” (Elisa).

O trabalho da Negras Autoras ativa memórias, sensações, reflexões, conscientização e crescimento em quem vê e escuta, e também nas artistas. Negras Autoras – mulheres que expressam no corpo e na voz as forças que atravessam o tempo, que cantam música que fortalece, ecoa e transforma.

**Saiba mais em @negrasautoras**







## COLETIVO TEREZA DE BENGUELA



Tereza de Benguela, antes de um coletivo de faxinas, é um espaço de emancipação de mulheres. Ter consciência do seu poder como mulher, trabalhar a autoestima e a importância de cada uma são alguns dos conceitos que o Coletivo de Faxinas trabalha em seus encontros e capacitações.

O coletivo surgiu a partir de um grupo no Facebook, criado pela Renata Aline (idealizadora e gestora do coletivo). O grupo de compartilhamento e divulgação de serviços prestados por mulheres em Belo Horizonte começou a receber diversas denúncias de maus tratos no ambiente de trabalho, relatados principalmente por mulheres negras. Veio daí a demanda desse espaço de acolhimento e busca por melhoria em questões de trabalho.

Além das reuniões mensais, do contato com o cliente e toda a negociação, o coletivo oferece capacitações de acordo com a demanda das integrantes. A equipe é composta por psicóloga, advogada, administradora, comunicóloga, faxineira treinante das diaristas e arteterapeuta, as quais contribuem para o desenvolvimento do trabalho.

Para uma faxineira fazer parte do coletivo, o primeiro passo é participar da reunião na qual ela entenderá sua dinâmica. Através do fortalecimento de rede, o Tereza de Benguela Coletivo de Faxinas é um negócio social, que auxilia mulheres, em diversos aspectos, a trilharem seu caminho no mercado das faxinas de Belo Horizonte.

**Saiba mais em @coletivoterezadebenguela**









“Temos que estar felizes para os nossos filhos estarem felizes”. (Rubia Lisboa)

O Conecta Mães BH é uma rede de mães empreendedoras que buscam juntas criar e fomentar caminhos profissionais que respeitem o espaço de educação e cuidado dos filhos.

Em 2015, Rúbia e Nathalia Gonçalves, insatisfeitas com a desarmonia entre o tempo dedicado à vida profissional e o escasso tempo para estar com suas filhas, propuseram um encontro de mães para refletir e encontrar soluções para a mudança dessa realidade. Nesse primeiro encontro, apareceram quase 100 mulheres e elas, surpreendidas, perceberam que não estavam sozinhas nesse barco, que o mercado de trabalho, na maioria dos casos, não contempla as especificidades de se ter bebês ou filhos na primeira infância.

Criaram então o Conecta Mães BH, uma rede de apoio ao empreendedorismo materno que incentiva mães a desenvolverem seus próprios negócios ou aprimorem os que já possuem. Fazem isso através de encontros presenciais, workshops e geração de conteúdo em redes sociais. Querem principalmente contemplar mulheres da região de Venda Nova e regiões metropolitanas de Belo Horizonte, mas também estão abertas ao diálogo com todas as mulheres que sentirem o desejo de fazer essa mudança em suas vidas e se unirem a rede.

Cuidado, carinho e presença são palavras que resumem o encontro que tivemos na casa da Rúbia, com ela, sua filha Yasmin, a Silvana e sua filha Isadora. Ficamos encantadas com a narrativa de doação, paixão e entrega que elas dedicam à rede. Histórias lindas de crescimento e reconhecimento. Um trabalho que vem reconstruindo o mercado de trabalho. Um mercado que valoriza e reconhece a realidade e importância de se ser mãe.

**Saiba mais em @conectamaesh**







## CORAL VOZES DE CAMPANHÃ



“A nossa história é triste, mas a gente é muito feliz”. Coral Vozes de Campanhã

A música, a dança e a fé são algo natural para quem nasce no Quilombo. Sendo assim, cantar sempre fez parte da rotina das mulheres do Coral Vozes de Campanhã. As mais novas contam que, até 2009, tia Nem era quem conduzia as vozes na Guarda de Congo e quem incentivava as apresentações nas Missas Afro que aconteciam esporadicamente.

Mas, por mais que já cantassem esporadicamente em um coral, elas nunca pensaram em ser um. Em 2012 uma amiga do grupo convidou algumas das mulheres para cantar em seu casamento, e foi aí que elas decidiram formar o Coral Vozes de Campanhã, um coral de mulheres negras quilombolas que, a princípio, não fazia ideia da potência do trabalho que viriam a desenvolver.

Sem tia Nem para cuidar dos sons, elas deram o próprio jeito de conduzir as músicas escolhidas entre o samba, a capoeira, os pontos de umbanda, as cantigas do congado, o reinado e músicas





autorais com a única obrigatoriedade de saudarem a raiz. A primeira apresentação oficial do coral aconteceu em 2016, na mostra Diversas, em Belo Horizonte. A primeira de uma série de muitas outras apresentações que emocionavam quem assistia.

As mulheres do coral dizem enxergar a própria potência através dos olhos das pessoas que as veem. E isso faz com que elas se organizem cada vez mais na compreensão da responsabilidade do que expressam nas suas apresentações, nas mensagens transmitidas, na qualidade estética e expressiva do fazer. E se alegram ao ver as mulheres se identificando com elas e se fortalecendo, nesse espelho de duas faces que reflete as belezas da cultura e do ser mulher para quem canta e para quem aprecia.

O que as move? Inspirar a valorização do fazer das mulheres dentro das irmandades, uma vez que tudo dentro da irmandade gira em torno de uma mulher, de uma imagem feminina, Nossa Senhora do Rosário, que não está distante da mulher comum. A fé e a compreensão da força dessa expressão cultural constituem o modo delas de habitar este mundo, o que as impulsiona a continuar.

Saiba mais em [@coralvozesdecampanha](#)





“Sempre brinco que ‘Doras’ é a aula dos meus sonhos! A aula que eu nunca tive”. (Luísa Bahia)

Idealizado e coordenado por Luísa Bahia, o projeto “Doras” é um espaço de encontro para mulheres artistas de diferentes áreas para a exploração criativa dos “múltiplos sentidos da voz: som, corpo, escrita e cena” (em suas próprias palavras). O projeto visa trabalhar estados de presença e expressão através dos “discursos urgentes” que essas mulheres apresentam ao se inscreverem.

Iniciou-se em 2017, como fruto de um desejo antigo de Luísa de promover encontros entre mulheres artistas, o que se fez possível após o desenvolvimento de seu espetáculo autoral Risco: “Depois que eu vivi o Risco, senti que tinha uma coisa concreta para partilhar”. Nos encontros, ela dispõe elementos teóricos/práticos de sua bagagem para que as artistas possam utilizá-los em seus processos criativos.

Em 2018, ela e algumas colaboradoras promoveram o Festival Doras, que abriu espaço também para mulheres não artistas e promoveu cafés para que se conhecessem melhor, encontro do qual participamos e se mostrou super acolhedor.

No café, pela manhã, houve apresentações dos trabalhos artísticos de algumas das participantes (dança, música, poesia), muitas reflexões e trocas verdadeiras. Na parte da tarde, nos sentimos dançando junto com as participantes ao realizarmos os registros fotográficos. Vimos e sentimos mulheres mar, mulheres fogo, mulheres terra e mulheres vento. Imaginação expressa nos corpos que, com muita entrega, presença, verdade e fruição, se transformaram, se desnudaram.

Um dos pontos chave deste trabalho é o desnudar-se. Romper a pele da serpente para deixar surgir uma outra natureza. É a gente se abrir para deixar a intuição e o nosso íntimo se revelar. Um corpo mais vivo e mais orgânico se revelando. (Luísa Bahia)

“Doras” é uma proposta potente que proporciona espaço ao empoderamento promovido pelo fazer artístico. É uma proposta bonita de se ver e participar.









## EMPODERA TEEN

O que acontece quando reconhecemos o nosso próprio poder? Empoderar é algo que cada um faz por si, mas existem contribuições significativas na vida que auxiliam no nosso empoderamento e encurtam a nossa busca por nos reconhecer e nos afirmar como mulheres. Imagine essa contribuição acontecendo logo no início da nossa formação, lá pelos 13 anos. Não seria maravilhoso? Isso é o que fazem Adriana Roque e Graziane Andrade através do projeto “Empodera Teen”.

Adriana é psicóloga e coach. Ela atende mulheres pelo programa “Para ser a mulher que quiser” e Graziane Andrade é historiadora e educadora social. Engajadas nas lutas e questões femininas, elas se uniram com suas experiências e criaram um programa de encontros, os quais abordam temas significativos através de dinâmicas, rodas de conversa e exposição de conteúdos, para serem aplicados com grupos de adolescentes do sexo feminino, de forma que as próprias meninas possam repassar o que descobriram e se tornar ativas nos processos de empoderamento uma das outras.

O projeto “Empodera Teen” acontece principalmente em escolas públicas de Belo Horizonte, com destaque para a Escola Anne Frank, onde receberam apoio do corpo docente e da diretoria para a continuidade da proposta diante dos impactos causados pela experiência na instituição. Essa proposta gerou diversas mudanças, as quais se manifestam desde a postura das meninas na sala de aula, com uma participação mais ativa no processo educacional, à imposição de limites na relação com os meninos, indicando que foram se apropriando do próprio corpo e realizando intervenções de problematização de temas na instituição, o que gera impacto em toda a comunidade escolar.

É um projeto maravilhoso que vale a pena ser levado para sua cidade, para sua escola! E temos a certeza de que um ótimo trabalho será desenvolvido, afinal, o que move essas mulheres é a vontade de nos unir em prol da ressignificação das opressões que sofremos, construindo um mundo livre e igualitário. Nada mais lindo do que plantar essas sementes na juventude.

**Saiba mais em @empoderateen**





# EMPODERE SE

O que é ser Quilombola? “Não tem muito o que dizer. É viver tudo isso que vivemos.”

Andreia Crivaro

O Coletivo Empodere Se - Mulheres Quilombolas Pinhões nasceu em 2016 da discussão sobre ser quilombola e a necessidade do reconhecimento jurídico da comunidade de Pinhões enquanto remanescente de quilombo. Andreia Crivaro é a fundadora e está à frente do Coletivo, tendo a colaboração de Nilma Azevedo, Virgínia Apolinário, Taís Azevedo, Daiana Firmo e Débora Rodrigues. O coletivo conta, hoje, com a participação de mais de 40 mulheres e trabalha em diálogo com a comunidade de um modo geral.

Com sede no EQTA - Espaço Quilombola Teto Aberto o Empodere Se atua oferecendo oficinas, cursos, cultura e lazer em parceria e escuta ativa com a comunidade e suas manifestações culturais. Além do acesso e da melhoria da qualidade de vida do seu povo, é uma preocupação do coletivo o empoderamento das meninas e das mulheres a partir do reconhecimento da própria história e da busca pela construção da identidade quilombola. Visando atender essa preocupação, é proposto um trabalho educativo ativo com a escola local, reconhecida pela SEE/MG como quilombola, na realização de reuniões temáticas mensais abertas às mulheres no EQTA.





O trabalho realizado pelo Empodere Se desperta em nós a esperança da possibilidade da preservação da cultura alinhada à busca pela superação das estruturas patriarcais e racistas que perpassam a nossa sociedade, uma vez que a luta dessas mulheres, de uma nova geração, é justamente pelas tradições e pelas raízes que emancipam o seu povo por meio do contato com a história ancestral, entendendo as tradições como algo dinâmico e que se ressignifica em conformação aos movimentos dentro e fora da comunidade.

Por trás de cada mulher em Pinhões há uma linhagem de muitas outras mulheres que mantiveram a existência desse território por meio do saber e fazer, expressos pelas bordadeiras, cozinheiras, lavadeiras, doceiras, parteiras, benzedadeiras, raizeiras, baleiras. Mulheres de luta que ensinam sobre persistência, resistência, determinação, amor, solidariedade e alegria. Mulheres que transmitem e ensinam um modo único de criar e manter a vida, e que dão a benção àquelas que se tornaram bacharéis para que neste novo tempo outras mulheres superem as dores e apagamentos sofridos pela colonização e seus desdobramentos, resgatando as potências e expressões outrora sincretizadas à ordem branca às custas da vida dos antepassados daquele território.

Quem diria que a subversão jovem seria deitar-se em honra aos mais velhos, pedir a benção dos ancestrais que fazem mais de 200 anos de história? Esse encontro foi um presente. Um mergulho ao ventre da terra dos Pinhões.

**Saiba mais em [@coletivoempoderese](#)**



Emoção. Flávia se emociona ao narrar um trecho do livro *Mulheres que correm com os lobos* para as participantes da oficina intitulada, por ela, “Mulheres Recipientes”. É nítido ver o quão verdadeiro é o que Flávia apresenta: o barro, a mulher e a ancestralidade.

A oficina conduzida por Flávia é uma extensão da sua pesquisa, que teve início na graduação de arte em 2000 e é para ela a realização de um sonho: “lidar só com mulheres, falando de mulheres com barro”.

A arte e a pesquisa da artista dizem muito sobre se fortalecer por meio da compreensão de si. Ela a começa de forma intuitiva transferindo para a peça de barro *Mulher oca o vazio* de uma relação abusiva.

Dessa peça surgiu uma série, *Mulheres Recipientes*, que posteriormente viraria o seu mestrado.

Próximo a defesa da sua dissertação, Flávia perde a mãe, o que desencadeia uma série de questões profundas e não visitadas até então. Cerca de 4 anos depois, uma nova pesquisa surge ainda com a temática do ser mulher, agora, em seu doutorado. Ao revisitar todo o seu processo até ali, e as relações com a mãe e a morte, Flávia se perde, e é então resgatada pelo fazer de uma peça, por nós, vista com sacralidade e de aura mágica: *Ninfa*, uma vulva alada.

A artista nos apresenta a peça *Ninfa* com cuidado – ela é parte do seu altar, é símbolo de um processo de cura e reencontro. Foi a partir do rito de moldar *Ninfa*, e, após sua queima, derramar o próprio sangue menstrual nela, completando a ação ritualística ancestral feminina, que Flávia direcionou sua pesquisa às questões da ancestralidade, do feminismo e do ritual.

Como orientadora dos formandos em cerâmica na Escola Guignard, UEMG, Flávia experimenta fortalecer o fazer de outras artistas ao reconhecer no processo criativo algo que vai além da própria arte, que possibilita a transformação e assimilação de histórias. Numa ação direta, Flávia se doa pelo afeto, pelo contato, pela presença, pela escuta, pela entrega. Indiretamente, ela doa a partilha, o processo, a pesquisa com a generosidade de permitir fruir cada um a seu modo, contribuindo com as pesquisas e nas visitas de outras mulheres com elas mesmas.

Um trabalho cuidadoso que vale a pena ser visto e vivenciado por aquelas que buscam conexão:

“A gente precisa se reconectar e o barro propicia isso” (Flávia Leme).









O desafio de se localizar e se entender diante do feminino na contemporaneidade é trabalho de muitas mulheres. E é justamente isso que Itamara Ribeiro, artista plástica, reflete em seu fazer.

Numa costura entre o tempo atual e o tempo de sua ancestralidade, Itamara vivencia a própria arte como modo sutil de compreender a mulher que é e, conseqüentemente, proporciona o mesmo a outras mulheres.

O trabalho *A mulher e o lar* se iniciou em 2016, quando Itamara deixou Florianópolis, o emprego e a urbanidade com o marido e veio morar no meio rural de Minas Gerais, Lavras Novas, assumindo os cuidados com a casa e com o filho, Francisco, hoje com 4 anos. A experiência lhe trouxe tempo. Tempo de ócio que a fez retomar a costura, herança da sua linhagem materna, e começar a produzir muitas coisas, como almofadas de crochê: “Meu Deus, o que estou fazendo? Que lindo!”

Na contradição dos tempos: o tempo de urgências versus o tempo dilatado da reflexão; a mulher que trabalha e ocupa o social e a mulher que cuida e serve; a geração da mãe, da avó versus o que ela própria tenta se tornar é o que direciona a artista na pesquisa dos manuais, dos muitos manuais que ensinam e ditam o que fazer, como ser e determinam o bonito e o ideal.

Itamara, então, começa explorando os manuais de bordado, muito usados pela mãe, que era costureira. Porém a artista se recusa a seguir suas ordens, interferindo neles e criando novas possibilidades. E assim o trabalho continua e se desdobra passando por tantos outros manuais que normatizam a vida e o ser mulher neste mundo.

No bordado, a linha costura os tempos das gerações das mulheres do dentro e do fora, redesenha as normas e cria caminhos alternativos de quem tem a missão de unir os muitos fazeres, os muitos papéis, os muitos espaços e recriar o feminino livre das convenções que o limitam.

**Saiba mais em [@itamarasribeiro](#)**





Cuidado, partilhas, escuta, acolhimento, respiro. Se ver refletida na história da outra. O Lua Negra é um espaço de encontros entre mulheres negras para nutrição e fortalecimento mútuo.

Ao longo de sua trajetória, Míriam Aldebaran viveu experiências com o feminismo, o sagrado feminino e as terapias holísticas e vê esses caminhos como complementares, mas, ao longo de sua caminhada, sentiu falta de um espaço reflexivo, de cuidado, focado nas nuances, no corpo, nas histórias, na cultura da mulher negra. Foi então que, em 2018, idealizou o movimento Lua Negra.

O desejo de expandirmos em nós, mulheres negras, a consciência do potencial divino e criativo que somos, bem como o sentimento de dignidade e liberdade para escolhermos uma vida próspera e prazerosa em todas suas possibilidades, fez nascer o movimento Lua Negra. Através do estudo dos ciclos internos e externos, do autocuidado e do reconhecimento das nuances limitadoras que perpassam nossos corpos e subjetividades, propomos criar oportunidades de vivenciar, sentir e expressar nossa sabedoria interna, manifestando a verdade que cada uma de nós é. (Miriam Aldebaran)

Os encontros promovem trocas de cuidados através de terapias integrativas e têm contribuído com a nutrição, o fortalecimento e a criação de uma rede entre mulheres negras. Um trabalho de acolhimento e trocas afetivas.

**Saiba mais em @luanegra35**







## MALI EMPREENDEDORAS

Raíssa Haizer e Mariana Fidelis são as mulheres à frente desse projeto incrível que é a Mali. Mulheres determinadas, amorosas e fortes. Mulheres negras que, ao empreender, esbarraram em diversos desafios, entre eles a falta de apoio e de espaços de troca de experiências.

Buscando desabafar e fortalecer suas ações, Raíssa criou, em 2016, um grupo no Facebook de mulheres empreendedoras.

A semelhança nas histórias das mulheres, a identificação dos problemas, dos desafios e das dificuldades fez com que Raíssa se capacitasse e criasse junto com Mariana a Mali Empreendedoras, que promove ações em prol da equidade de gênero e raça através do empreendedorismo.

O objetivo da Mali hoje é fazer conexões, criar pontes entre mulheres para que elas se apoiem.

E elas fazem isso através das atividades a seguir:

“Meetup das Pretas”: palestras com temáticas definidas de acordo com a identificação das necessidades para o crescimento profissional, como: tecnologia, marketing, planejamento, entre outras.

“Feira de mulheres negras empreendedoras”: feira itinerante com expositoras rotativas que visa, além da venda de produtos, a interação entre as mulheres e a oportunidade de tecerem parcerias.

“Capacitação”: parcerias com empresas ou profissionais que geram a oportunidade de capacitação mais específica às mulheres da Mali. A busca dessas empresas e profissionais é feita diante de demandas identificadas pelo “Meetup” ou grupo da rede social.

A Mali Empreendedoras é aberta a todas as mulheres que se identificarem com a proposta e tenham o interesse de participar da rede. O grupo auxilia na melhoria da autoestima dessas mulheres, na afirmação enquanto empreendedoras de sucesso e na superação dos desafios, pela simples vontade de verem as mulheres negras felizes, produzindo e sendo capazes.

**Saiba mais em @maliempreendedoras**









## MALTA TAMBORERAS

“O caminho que alguém abriu pra gente, a gente abre pra alguém”. (Poliana Tuchia)

MALTA - Mulheres da América Latina Reunidas pelo Tambor é uma rede de fortalecimento de mulheres tamboreras da América Latina. Foi fundada em 2016 por Chaya Vazquez, Poliana Tuchia e Isabela Leite, três mulheres poderosas, percussionistas e multiartistas que utilizam a música, a percussão, o tambor como ferramentas de fortalecimento feminino, de ocupação do lugar da mulher na música, na percussão.

A MALTA tem duas frentes principais: o “Mapeamento” e a “Escola”. O “Mapeamento” reúne e fomenta a visibilidade ao trabalho de mulheres percussionistas e tamboreras dos diversos países da América Latina. Mulheres que também são multiplicadoras desses saberes para outras mulheres. Essa rede de fortalecimento é construída através de intercâmbios culturais e publicações sobre a história e trabalho dessas mulheres no site da MALTA. Promovem encontros presenciais para tocar e trocar perspectivas, tanto no Brasil quanto nos outros países de origem dessas mulheres. A intenção do mapeamento é promover espaços de compartilhamento e valorização da cultura tamborera produzida e ensinada por mulheres para o mundo.

Quando se fala em percussão, a gente não fala só sobre o instrumento, o instrumento fala muito de uma cultura, ele fala muito de um povo, de um lugar. O instrumento tem um porquê e um para quê de estar em um determinado contexto. É de fato uma manifestação cultural. (Isabela Leite)

A “Escola” surgiu na busca por suprir uma demanda de se ter espaços de ensino de música feito por e para mulheres. Sua grade é composta de cursos de curta duração de percussão, baixo, guitarra, bateria, voz, percepção musical, áudio, iluminação etc., todos ministrados por mulheres. A proposta é disponibilizar um lugar para o compartilhamento de conhecimentos entre mulheres, com um ensino conduzido com empatia, escuta e fortalecimento. Um espaço onde a mulher sente que pode errar, experimentar, se entregar.

Tocar tambor é um lugar de força, lugar de descarrego, de limpeza, e isso pra mim é um motivo muito forte para querer compartilhar. (Chaya)









## MATRIARCAS DA SERRA



O projeto “Matriarcas da Serra” surge em 2017, a partir da constatação da pesquisadora e jornalista Simone Moura quanto à invisibilidade do protagonismo feminino na construção do Aglomerado da Serra, conjunto de sete vilas localizadas na região Centro-Sul de BH.

Foi a partir daí que Simone e uma equipe majoritariamente feminina, negra e periférica iniciou um trabalho de pesquisa sobre o surgimento e a transformação da comunidade a partir da trajetória de mulheres.

O primeiro material produzido pela equipe foi o teaser Dalila, que conta um pouco da vida de Dalila Barbosa, importante liderança comunitária da região. A partir dessa produção, aprovaram em 2018, junto à Prefeitura de BH, o projeto “Matriarcas da Serra”, que tem na equipe Luísa Faria, Luísa Nonato, Thiago Pacheco, Nego Dê, Afonso Pimenta, Natalie Matos, Carol Lopes, Gabriela Matos e Simone Moura.

Ao longo desse ano foram entrevistadas 70 mulheres, com idades entre 40 a 100 anos, em sua maioria pretas e pardas, todas elas moradoras das vilas que integram o aglomerado. O intuito dessa diversidade de perfis mapeados é compor o mosaico de narrativas envolvidas na construção dessa comunidade centenária. Todas essas trajetórias serviram de inspiração para a construção coletiva do roteiro.

O filme não é sobre a história do Aglomerado da Serra, é algo muito maior, universal. Nós não estamos somente registrando histórias, nós estamos lidando com desejos, expectativas, sonhos, experiências, relações que são construídas. As mulheres querem ser escutadas, querem ser vistas. (Simone Moura)

Além do filme, o projeto se desdobra em página Facebook, perfil no Instagram e uma série de publicações que foram distribuídas em escolas e outras instituições localizadas na comunidade.

**Saiba mais em @matriarcasdaser**







## MINAS DE MINAS CREW

Muita mulher junta não dá certo – este foi o segundo mito que as Minas fizeram cair por terra.

O primeiro? O de que a rua não é lugar de mulher.

Elas são um coletivo de mulheres grafiteiras que pintavam cada uma individualmente e enfrentavam os mesmos desafios, as mesmas questões. Tinham visões e ideias próximas sobre o universo feminino e o movimento da arte urbana, e faltava apenas se conhecerem. E foi em 2012, num evento no Rio de Janeiro, que elas se descobriram e se uniram para se fortalecerem no trabalho e na vida.

É assim que elas veem o coletivo, um grupo de vida que contribuiu com a evolução individual do trabalho de cada uma, mas principalmente as ajudou no amadurecimento enquanto mulheres e no relacionamento interpessoal. Elas ocupam as ruas, alteram paisagens, fazem parte da cena urbana, da cultura Hip Hop.

Muitos são os motivos que as fazem seguir com o projeto: a relação com a cidade, a quebra da rotina, o momento de desconectar dos afazeres cotidianos, a interferência na cena e no dia a dia de quem passa. Além da produção de urbana, elas inspiram outras mulheres e fortalecem o trabalho de outras grafiteiras que iniciam ou estão na luta do fazer.

Lidia Viber, Krol, Nica e Musa – as Minas de Minas fazem acontecer com os projetos: “Minas de Minas convida”; “Minas de Minas visita”; “Delas” e “Nós podemos tudo”.

Registramos uma pintura do projeto “Nós podemos tudo”, no qual o coletivo faz releituras de mulheres importantes para elas e misturam referências retratando a força e a potência dessas mulheres. A construção da imagem do painel é coletiva, realizada a partir da escolha do muro. Lidia Viber é a responsável por digitalizar o layout e aplica-lo às dimensões do muro e a pintura é feita por todas as mãos.

**Saiba mais em @minasdeminascrew**









## MINHAS PLANTAS, MEU QUINTAL

A história dessa iniciativa está muito ligada à da Ana Maria Soares, mulher de uma energia potente que articula e interliga pessoas e interesses de uma forma leve e despretensiosa. Ana Maria acredita em um mundo melhor, em formas diversas de fazer a diferença. De acordo com ela, os desafios sempre existirão, mas superá-los tem a ver com o modo como cada um escolhe agir.

Dona de um sorriso delicioso e uma personalidade forte, Ana Maria se dedicou muito tempo à profissão de psicóloga, à militância e à política, sempre atuando em prol do seu povo e de um mundo com mais qualidade de vida. Isso até que ela começou a sentir a necessidade, depois de tanto tempo atuando em esferas distantes de casa, de voltar a atenção para os de perto e retomar aquilo que alimenta a alma com o aconchego de estar com os seus.

Foi então que Ana Maria, junto à suas filhas, netos e alguns amigos, começaram a plantar e doar mudas a pessoas e espaços. Ela, que também é benzedeira e candomblecista, diz ter sido orientada por seu guia (Preto Velho) a trilhar o caminho da cura. Ela segue benzendo, doando



mudas, trocando informações, apoiando o reconhecimento do potencial de cura das avós e, como boa costureira, liga pessoas e iniciativas que a vida apresenta.

Em 2018, foi convidada a participar do IV ENA (Encontro Nacional de Agroecologia) compondo a agenda da tenda da saúde, onde falou sobre tradição. Nessa oportunidade, compreendeu como disponibilizar todo o seu repertório, dando início ao “Prosas”, encontro de troca de saberes tradicionais.

O “Prosas” costura o bate papo, a fé, o conhecimento das ervas e a busca por uma alimentação e estilo de vida saudáveis de uma forma simples, que resgata o tempo de presença, a valorização dos múltiplos saberes, sem um formato acadêmico – um espaço democrático onde todos ensinam e todos aprendem uns com os outros.

O “Minhas plantas, Meu Quintal” está se transformando em um projeto que une as ações de plantio e doação de mudas, o “Prosas” e os encontros de benzeção. Como Ana Maria nos disse, tudo o que está sendo ofertado nesse movimento está transbordando, não só nela, como em cada um que chega para contribuir de alguma forma. É uma iniciativa tão grande quanto a força que vibra dentro dessa mulher e das pessoas que estão juntas fazendo acontecer!

**Saiba mais em [@m.plantas.meuquintal](https://www.instagram.com/m.plantas.meuquintal)**





## MULHERES DA VILA

“O nosso fazer é feito o rio. A cada ponto da passagem a margem enfeita a seu modo.”

(Mulheres da Vila)

O Mulheres da Vila nasce da amizade entre mulheres lá na Vila Apolônia. Um simples convite para “enfiar bolinhas” e fazer colares se transformou em um grupo com cerca de 40 mulheres que bordam, costuram, produzem colares, bolsas, roupas, chaveiros e se curam pelo afeto.

Encontros, desencontros, apoio, investimento e muito amor. Essas mulheres não apenas produzem artesanato, elas realizam uma forma coletiva de fazer à muitas mãos. Um jeito bem natural a elas, mulheres periféricas que trazem na história o enfrentamento, a luta, os festejos e mutirões marcados pela determinação, fé e pelo apoio entre mulheres.

Nenhuma peça do Mulheres da Vila é criada individualmente: uma corta, uma costura, uma borda, e no fim o resultado é o emaranhado da história e do sentir de muitas. O espírito da comunidade, a identidade do grupo está presente em cada peça: Tudo é reaproveitado, reutilizado, cada pedacinho. Assim como o fazer, os ganhos financeiros também são distribuídos a todas, de forma a compartilhá-los em comunhão.

Na vila (ou vida) dessas mulheres, nossa memória ancestral é acionada pela prosa, pelo cheiro da comida feita no fogão à lenha, pela cachaça que abre o apetite, pelo jeito simples e arrastado de levar a vida.

“A gente é de nós mesmo fazer avoar. E o que nós tá fazendo aqui? Avoando! Somos o que? Um pássaro, mas daqueles que vai longe.” Mulheres da Vila

**Saiba mais em @mulheresdavilabh**







## MULHERES DO TECER

No final dos anos 1990, o pessoal da Cia Candongas se perdeu no encontro dos bairros Santa Cruz e Cachoeirinha e, por um acaso do destino, encontraram o local onde a Casa de Candongas funciona até hoje. Trata-se de um espaço cultural de portas abertas, no qual a rua e a comunidade fazem parte de sua construção diária, que abriga oficinas de teatro, dança, aulas de pilates, apresentações e muitas outras atividades desde a sua fundação.

As mulheres da comunidade sempre tiveram um papel importante no dia a dia da casa: levando as crianças, participando das oficinas e inclusive montando um espetáculo, Uma tal Maria, que tem no elenco mulheres entre 15 e 72 anos. E em um momento de crise foram justamente essas mulheres que se reuniram para não permitir que a casa se fechasse: se juntaram, recolheram doações, organizaram bazares e deram então origem ao grupo Mulheres do Tecer. Em janeiro de 2018, através da força de muitos braços e diversas doações, transformaram um depósito de equipamentos que ficava no sótão da casa em um ateliê que hoje possui mais de 5 máquinas de costura, mesas e material para confecções e criações diversas.

O grupo é formado por mulheres que se reúnem para a produção, oferecer cursos de capacitação e aprimoramento, além da participação em feiras, revenda em lojas e outras parcerias. Cláudia Henrique é uma das integrantes da Cia Candongas. É gestora do espaço e responsável pelo Mulheres do Tecer. Seu histórico de atuação sempre esteve atrelado à rua, às pessoas e à função social da arte. Segundo ela, mais do que uma forma de geração de renda, as mulheres estão tecendo sua história, costurando o mundo. Os momentos de encontro são também um momento para elas, que muitas vezes vivem em função do cuidado com o outro: estão traçando identidade, construindo personalidade através das suas criações, cuidando de si e trocando com as outras.

**Saiba mais em @ciacandongas**









## MULHERIO NETWORKING



O Mulherio Networking é uma rede de empreendedorismo feminino que tem como objetivo capacitar mulheres empreendedoras e fortalecer as parcerias entre elas, contribuindo para a geração de renda e o desenvolvimento de seus negócios por meio de apoio mútuo. A rede surgiu em 2015 a partir do incômodo advindo do protagonismo no mercado empreendedor ser, em sua grande maioria, composto por homens e do quão solitário era ser uma mulher empreendedora sobrevivendo a essa competição desigual. Juntas, as integrantes da rede vêm descobrindo ferramentas para crescerem e se destacarem no mundo dos negócios e que a tarefa de empreender não precisa ser tão solitária.

Em um café, nos encontramos com as participantes da rede em uma de suas reuniões. Lá elas nos contaram sobre a dinâmica do grupo, apresentaram seu cronograma anual, suas metas, diretrizes e seus negócios. Vimos ali um exemplo de mulheres empreendedoras com foco e organização. Dentre suas atividades, promovem visitas aos empreendimentos umas das outras, divulgam e consomem os serviços ou produtos da rede Mulherio, além de organizarem cursos e oficinas sobre assuntos que fomentam o crescimento sustentável de seus projetos. São elas mulheres de áreas diversas: manutenção, comunicação, estética, artes plásticas, fotografia, alimentação, artesanato, produção de eventos. Todas reunidas para se fortalecer.

**Saiba mais [mulherionetworking@gmail.com](mailto:mulherionetworking@gmail.com)**







“Porque não em Beagá?” Essa foi a pergunta que deu início à história da Navaranda. Em uma viagem a São Paulo, Jéssica Gomes conheceu o “Ladies Wine and Design (LWD)”, idealizado por Jessica Walsh. Junto a Gabriela Santos, Nathália Leandro e Grazielle Souza, em 2017, ela trouxe o projeto para a nossa cidade. Em um espaço acolhedor, com taças de vinho e muitas trocas, o “LWD” proporciona encontros de muita escuta e troca de experiências. Como disse a Jéssica: “o mais importante é que todas sejam ouvidas.”

O “LWD” acontece em vários lugares no mundo, estivemos em um encontro que trazia como temática finanças. Partilhamos sobre nossa relação com o dinheiro na vida pessoal e profissional e fomos presenteadas com as dicas maravilhosas da Camila Teodoro, convidada especial desse encontro e fundadora da Planos Meus. A ideia é proporcionar condições para a criação de uma rede e apoio entre mulheres designers ou da indústria criativa em geral, que, infelizmente, ainda atuam em um mercado majoritariamente masculino. E dizemos masculino não só pela presença e reconhecimento profissional de mais homens que mulheres, mas também pela forma de se trabalhar proposta por muitas instituições, baseada na concorrência e não na cooperação.

Dessa iniciativa começaram a surgir novos convites e ideias de projetos, e assim nasceu a Navaranda – mulheres em rede criando conteúdos sobre contextos diversos do universo feminino. Como nos contou a Gabriela Santos, “A Navaranda tem três propósitos que permeiam qualquer uma de suas ações: a troca, o acolhimento e a mobilização”. Em 2017, além do “LWD”, produziram o “Museu das Minas”, o “Saúde Sem Tabus” e a produção audiovisual Cidade das Minas. Entre partilhas, escutas atentas e vinho, a NaVaranda promove encontros que pulsam criatividade, força de ação e inovação.

**Saiba mais em [@navaranda.cc](https://www.instagram.com/navaranda.cc)**







## NAVE – Núcleo Assistencial Veleiro da Esperança



“Se nós não nos envolvemos com o outro não temos como nos envolver com a vida”. Esse é o lema que movimenta a alma de Lucineide e a faz trazer o coração para as mãos. Mulher extremamente ativa e engajada, há mais de 30 anos deu início a um movimento social que pretendia atender crianças deficientes, filhos de mulheres que se prostituíam. Com um trabalho de acolhimento integral, o projeto oferecia capacitação para geração de renda para essas mulheres, além de atendimento de saúde etc. para mães e crianças.

Há 14 anos, num momento de organização, estruturação e reconhecimento do trabalho desenvolvido, o NAVE descobriu que, apesar de acharem que trabalhavam com crianças deficientes, na verdade atuavam no enfrentamento à violência. E foi aí que direcionaram suas ações, alinharam seu discurso e passaram a atender mulheres vítimas de violência com acolhimento também de suas famílias, em parceria com os CRAS, o Governo e empresas privadas.

Como diz Lucineide, “o movimento social movimenta”, e assim percebemos o projeto: um lugar de escuta que oferece o que as mulheres demandam e promove uma metodologia circular de autovalorização através da qual as mulheres atendidas passam a acolher outras mulheres.

As portas do NAVE estão abertas para mulheres em busca de ajuda, oferecendo atendimento psicológico, médico, odontológico, oficinas de geração de renda, entre outras atividades. Além disso, o NAVE promove rota de fuga e acolhimento a mulheres em situação de risco que necessitam de uma intervenção imediata.

Um projeto maravilhoso que emana a energia da comunhão, com muita força e comprometimento. Vale a pena ser conhecido, visibilizado e apoiado.

Vida longa ao NAVE – Núcleo Assistencial Veleiro da Esperança.

**Saiba mais em [@nave.veleirodaesperanca](https://www.instagram.com/nave.veleirodaesperanca)**





# PRESENÇA FEMININA

“A bênção, ela protege, ela nos guia. Minha mãe me ensinou.” Mam’etu Muiandê.

Acostumadas ao fazer silencioso, ao fazer que ancora e sustenta toda uma comunidade ou família. Tão acostumadas a doar a si mesmas e a ocupar um lugar muitas vezes invisível, as mulheres precisam se fazer serem vistas, dar luz à união e ao fortalecimento entre elas, marcar presença, Presença Feminina.

A iniciativa Presença Feminina surge em 2007 na Chácara da Arte, em Santa Luzia, com um formato de roda de conversa e vivências. A partir das experiências vividas nesse espaço, as integrantes do movimento aprovaram, em 2010, um projeto que visava ao fortalecimento das mulheres e promovia sua visibilidade em 10 comunidades quilombolas de Minas Gerais.

Durante a execução do projeto com mulheres quilombolas, notou-se a proximidade entre a vida delas mesmo em territórios tão diferentes. Nós mulheres comungamos dores, desafios e necessidades similares, embora, naturalmente, cada uma traz consigo as especificidades de seus recortes sociais, raciais e econômicos. Sabemos quais são as questões do feminino, e essa sintonia foi trabalhada com sensibilidade, por meio de cartas trocadas entre mulheres de territórios diferentes que viam ali, na narrativa umas das outras, espelhos da própria realidade.



Em 2014, o Presença Feminina ganhou apoio da vereadora Suzane Duarte e ligado, ao mandato dela, passou a atuar com uma frequência mensal de forma itinerante e aberta à comunidade. Com um núcleo composto de 8 mulheres (Marilene, Suzane, Kate, Rosa, Fabiana, Luciene, Maria Rosa e Fabi Luiza), que produzem e idealizam as vivências e temáticas de cada encontro, a roda mensal do projeto acontece em locais onde há a presença feminina fortalecida ou precisando de fortalecimento.

Fora os encontros mensais, elas se articulam com outros grupos femininos existentes na região e promovem o “Mulheres sustentáveis”, um programa por meio do qual acompanham 10 mulheres em situação de extrema vulnerabilidade.

Ao reunir tantas mulheres em roda, ao darem espaço para o afeto, para a empatia, para a projeção da voz, o Presença Feminina resgata um saber ancestral – “se as mulheres abaixarem os braços, o céu desaba” (provérbio africano) –, cura e transforma esse mundo.

Saiba mais em [@mary\\_odara](https://www.instagram.com/mary_odara)







## **PRESP - Programa de Inclusão Social de Egressos do Sistema Prisional . Tecendo Diversidades**



O “Tecendo Diversidades” é um projeto que foi desenvolvido pelo PrEsp BH (Programa de Inclusão Social de Egressos do Sistema Prisional) no primeiro semestre de 2019, junto a mulheres em situação de privação de liberdade, que cumprem regime semiaberto no Complexo Penitenciário Feminino Estevão Pinto (PIEP).

O “PrEsp é um programa que oferece apoio para pessoas egressas do sistema prisional e familiares, com o objetivo de favorecer a vida em liberdade, as condições de acesso aos serviços públicos e a garantia dos direitos sociais. O programa faz parte da Política de Prevenção Social à Criminalidade do Governo de Minas Gerais. Uma das frentes de atuação do programa é a formação de grupos dentro das unidades prisionais com os pré-egressos, ou seja, pessoas que estão no regime semiaberto e que têm a previsão de seis meses de progressão para o regime aberto.

O PrEsp de Belo Horizonte trabalha com grupos na PIEP desde 2009. As pré-egressas recebem a equipe do programa e são convidadas a participarem de oficinas, vivências ou rodas de conversa com temáticas definidas a partir das demandas observadas no grupo.



O projeto “Tecendo Diversidades” teve como objetivo proporcionar um espaço de troca de experiência e de reflexões, contribuindo para que as participantes pudessem refletir acerca das construções de identidade de gênero, raça e encarceramento. Com a atuação do programa dentro da penitenciária, busca-se criar vínculo com as mulheres, para que reconheçam no PrEsp um lugar de apoio pós-encarceramento, contribuindo com a inserção social.

Foram abordados nesse projeto temas como autoconhecimento, conhecimento corporal, mulheres no mercado de trabalho, construção identitária e sororidade. Para a execução das propostas, o programa pôde contar com o apoio da rede parceira em alguns encontros.

É um trabalho lindo e de extrema potência, uma vez que dá espaço para essas mulheres se compreenderem e se olharem por meio do reconhecimento da própria essência. Tivemos a honra de conhecer o projeto na gestão da Marina Cristina do Santos Ferreira, Thaisa Bello de Abreu e Aline Magna de Paula, profissionais envolvidas integralmente no fazer da iniciativa por acreditarem no ser humano e na ampliação do horizonte dessas mulheres marcadas pela detenção.

Gratidão, calma, paz, esperança e liberdade são algumas das palavras de fechamento ditas pelas participantes. Sorrisos. Festa. Lágrimas. Um misto de emoções vivenciadas por todas nessa experiência de se recordarem da humanidade, ou, nas palavras delas, de se sentirem “gente” por alguns instantes.

**Saiba mais em [belohorizontepresp@gmail.com](mailto:belohorizontepresp@gmail.com)**







## REUNIÃO DAS MULHERES

De um encontro entre amigas, para partilhar momentos, sentimentos e restituir energias, para uma reunião de mulheres que auxilia no empoderamento, na ressignificação, na união, na melhoria da autoestima e no cuidado feminino. Essa foi a trajetória das sete amigas: Juliana Meira, Júnia Meira, Júlia Meira, Jovina Meira, Mirian Alves, Luciene Azevedo e Vanda Caldeira, lideradas por Cristiane Caldeira.

Cristiane sempre gostou de propor dinâmicas e desde 2004 se reunia com as amigas em encontros restauradores. Todas as vezes em que elas se encontravam pensavam em como aquela vivência seria positiva para outras mulheres e, então, aos poucos, foram convidando mais pessoas para participar desses momentos.

O retorno que recebia das mulheres e a transformação que experimentavam moveu Cristiane a ingressar na faculdade de Psicologia e a estudar intervenção psicossocial e o contexto feminino do aglomerado Santa Lúcia. Em 2011, quando Cris se formou, a Reunião das Mulheres ganhou estrutura e conta com a participação de, aproximadamente, 60 mulheres, acolhidas com muito carinho e orgulho por Vanda Caldeira e Mauro Galvão, seus pais, que cedem a casa para o projeto.

As sete amigas promovem uma revolução no Morro do Papagaio, onde fazem reuniões periódicas abertas a todas as mulheres. Cada reunião é pensada e organizada cuidadosamente. Além de acolher, aproximar e incentivar as mulheres no exercício da cidadania, sempre trabalhando assuntos que abordam e instruem sobre direitos e subjetividades dessas mulheres. O carinho com que as recebem e a competência com que mediam as dinâmicas são os pontos mais grandiosos que pudemos perceber.

Todas as mulheres que participam de três desses encontros podem convidar uma amiga para ter a oportunidade de integrar o grupo, compartilhar os desafios, lavar a alma, celebrar, cuidar e ser cuidada.

Nosso aprendizado junto a essas mulheres? O de que a grandeza está nos detalhes e que as maiores transformações começam em nós.

Vida longa às mulheres e suas revoluções. Vida longa às mulheres do Morro do papagaio.







“Vem jogar enquanto destrói o patriarcado! (RPG Girls)”

Elas enfrentam, ao mesmo tempo, dois grandes emblemas da estrutura machista dominante: mulheres não são inteligentes o suficiente; mulheres não sabem se divertir.

O RPGirls nasceu em 2013 como movimento de jogadoras que enfrentavam um ambiente hostil para as mulheres, um ambiente de abuso, mansplaining, exclusão, às vezes sutis, outras vezes nem tanto.

Elas perceberam a dificuldade das mulheres de se aproximarem desse universo nerd devido a um sentimento de desajuste ao jogar, provocado pelo ambiente, pela falta de representatividade e de ocupar espaços de protagonismo. Isso ficava muito nítido quando elas chegavam ao Clube de Jogos Sétima Armada e não encontravam nenhuma outra mulher.

Elas então se juntam e criam o RPGirls, experimentando produzir eventos pensados para receber essas mulheres, sendo o primeiro deles o “Quero Jogar RPGirls”. Depois de dois eventos



produzidos com sucesso, com a presença de cerca de 80 mulheres em cada, e um tempo de amadurecimento da ideia, o coletivo reorganizou o seu núcleo em 2018, retomando as ações em um novo formato. Voltaram arrasando com o primeiro “Jogue como uma Garota”, com participação de cerca de 200 pessoas!

Com o objetivo de tornar os espaços mais seguros para as mulheres e para a comunidade LGBTQIA+, e de proporcionar que essas pessoas se sintam bem em qualquer lugar, o RPGirls promove eventos itinerantes levando a diversos espaços esse modo agregador de jogar.

Além disso, recebem jogadoras iniciantes e se dispõem a ensinar e apoiar essas mulheres que se aproximam, a fim de trazer mais delas para o lugar do jogo. Os eventos são abertos a todas as pessoas, independente do gênero, mas a condução e a narrativa dos jogos são espaços exclusivos das mulheres.

Elas seguem mostrando que as mulheres podem ser executoras de atividades fantásticas e que os espaços estão aí, para serem ocupados!

**Saiba mais em [@rpg.girls](#)**







## SAMBA NA RODA DA SAIA



Felicidade, segurança, leveza e diversão no trabalho. Muita mulher junta é felicidade pura, né?!

O Samba na Roda da Saia nasceu a partir do coração de Rosane Pires, frequentadora e amante do samba, mulher negra engajada em muitas causas, sobretudo das mulheres que lutam por um mundo mais humano, diverso e respeitoso.

Rosane, cansada de ir aos sambas e encontrar apenas homens cantando e tocando, sabendo da existência de mulheres brilhantes que muitas vezes estavam ali na plateia ao invés de estarem fazendo música, convidou um grupo para iniciar o Samba na Roda da Saia.

A princípio as mulheres se reuniam na casa da mãe de Rosane e tinham o intuito de se formarem, trocarem experiência, exercitarem a “arte de sonhar e cantar”. Desde 2014 à frente do projeto, Rosane segue com uma proposta na qual a banda é fixa e composta somente por mulheres, enquanto as cantoras são convidadas com rotatividade.

Hoje o Samba na Roda da Saia está presente em casas de show, eventos, teatros, circulando de forma ativa no circuito cultural de Belo Horizonte. Cada integrante possui seu trabalho individual e se dedicam também ao projeto por reconhecerem nele um lugar de força e representatividade importante.

De fato, o projeto é, em sua essência, de valorização e reconhecimento do talento das musicistas e cantoras dessa cidade, pois, além de unir essas mulheres talentosas e dar visibilidade ao trabalho de cada uma delas, além de cantarem a música feita e cantada por outras mulheres já há mais tempo na vida do samba, ele inspira outras mulheres a lutarem pelo que gostam e acreditam, a ocuparem espaços ainda excludentes e preconceituosos, mudando essa realidade.

**Saiba mais em @sambanarodadasaia**







## SCHEILLA SILVIA SOL



Scheilla Sol é artista plástica formada pela Escola de Arte Guignard UEMG 2011, mas também tem os quilombos, terreiros e centros espíritas como fontes de seu aprendizado. Seu olhar permeia questões de gênero, raça e cultura popular, mas seu foco é tratar da travessia que indivíduos passam para alcançar a iluminação espiritual. Perdas e ganhos, solidão e solitude, autoconhecimento, autoamor, perdão, cura e desprendimento são alguns dos temas que ressaltam e que Scheilla acredita serem necessários para se alcançar a consciência.

Em 2011 realizou em João Pessoa sua primeira exposição, Quando Verdejar, que contava com obras em diversas linguagens - desenho, instalação, livro-objeto, site specific, performance, videoarte, pintura. Já na exposição As Donas da Terra, de 2018, contou com diversos desenhos de mulheres conhecidas, desconhecidas e de sua intimidade (sua mãe, ícones de nossa sociedade, como Angela Davis, e deusas da cosmovisão africana, como Osún). Nela, a artista transforma todas as mulheres em plantas, abordando as similaridades existentes entre todas nós, ressaltando o feminino existente nos seres em geral e a urgência de sua valorização para que haja maior afetuosidade nas trocas, nas relações e acolhimento do outro que diverge em nós.

As imagens, a seguir, são parte da série Corpografias, produzido em 2018 juntamente com a fotógrafa Lina Mintz. As fotografias clicadas sofrem intervenções virtuais ou manualmente em pequenos e grandes formatos, via colagem, pintura e desenhos.

**Saiba mais em [@scheillasol\\_arte](#)**









## SE TOQUE - Arte e Sexualidade



O Instituto Se Toque é uma iniciativa de experimentação e pesquisa em arte, gênero e sexualidade idealizada pelas artistas Catarina Maruaia e Lina Mintz. Inaugurado em 2014, oferece oficinas, vivências, projetos artísticos e culturais para mulheres, corpos dissidentes e jovens, visando abrir espaços de diálogo e reflexão sobre esses temas. Em 2021, a iniciativa se institui como Organização Sociocultural da Sociedade Civil (OSC), firmando um compromisso com a missão de promover o encontro entre arte, saúde e prevenção de violências.

A iniciativa atua diretamente com o público em projetos pontuais e continuados de assistência social, cultura, segurança pública, e, ainda, com escolas e OSCs, sempre trazendo a experimentação artística e abrindo espaço para a reflexão de assuntos ainda considerados tabus em nossa sociedade.

O instituto entende como urgente a realização de propostas que atuem na valorização e conscientização da sociedade, assim como das que implementam consciência e abertura para a construção de visões positivas acerca da sexualidade e das relações de gênero.

Se destacam entre suas ações: o Festival de Arte e Sexualidade, o grupo de estudos Prazer da Palavra e o “XIA - programação cultural”.

**Saiba mais em [@setoque.art](https://www.instagram.com/setoque.art)**







O Hospital Sofia Feldman é uma das principais referências do Brasil em partos naturais e humanizados. Atua com um modelo de assistência menos intervencionista e mais respeitoso, que visa à valorização da mulher e suas escolhas.

Na maternidade do Hospital Sofia Feldman, a equipe multi e interdisciplinar oferece atenção humanizada, buscando favorecer o estreitamento dos entre laços mãe, filho e família através de ações como o resgate da imagem do parto normal como uma forma prazerosa, segura e saudável de dar à luz; o empoderamento da mulher a partir da conscientização de seus direitos; o envolvimento do homem no processo de nascimento; a valorização da presença de um acompanhante da escolha da mulher durante o trabalho de parto e no puerpério; a atenção da(o) enfermeira(o) obstetra; a segurança e o apoio das doulas; a promoção do aleitamento materno; a criação e a manutenção de uma rede de proteção social ao recém-nascido; a internação conjunta para mães e filhos, sem berçário, em alojamento conjunto.



Construído na década de 1970, oferece atendimentos de pré-natal, parto e pós-parto com serviços ambulatoriais, hospitalares, maternos e pediátricos, neonatal e UTI. Atende em média 900 partos por mês. Possui em sua estrutura a Casa de Parto, a Casa da Gestante, que acolhe mulheres que têm algum problema durante a gestação e necessitam de vigília, o Espaço de Sofias, que faz o atendimento à mulher puérpera que está com seu bebê internado na UTI, a Casa do Bebê, que acolhe bebês que passaram pela UTI e UCI, entre outros.

Ao longo de sua história, sempre defendeu a humanização do parto e visou fortalecer a mulher, seja ela enquanto profissional, através da autonomia e fomento à atuação das enfermeiras obstetras, por exemplo; seja enquanto gestante ou cidadã, criando espaço de escuta para a mulher que está sendo atendida.

Visa também manter uma equipe que atue com entrega, envolvimento, dedicação, empatia e escuta, cuidando das funcionárias, residentes e voluntárias, através de atividades integrativas com recursos naturais e terapêuticos, e creche para seus filhos.

**Saiba mais em [sofiinfeldman.org.br](http://sofiinfeldman.org.br)**







## SOLTA MINHA MÃE



O projeto “Solta Minha Mãe”, idealizado por Nana Oliveira e Ana Paula Freitas, proposto pela Assessoria Popular Maria Felipa, da qual elas fazem parte, tem como objetivo diminuir o número de mulheres gestantes e mães e avós em privação de liberdade.

O projeto está sendo executado desde o ano de 2017, e pretende fazer juridicamente pedidos de perdão de pena de cerca de 600 mulheres que estão em três presídios da região metropolitana de Belo Horizonte. Serão também aplicados questionários para mapear mais detalhadamente a realidade dessas mulheres. Como elas nos contaram, segundo os dados da INFOPEN, cerca de 60% das pessoas presas têm filhos, mas dentro desses dados não se sabe quantos são homens e/ou mulheres; quantos anos esses filhos têm e com quem ficaram quando essas pessoas foram detidas.

Foram propostos seminários que pretendiam fomentar debates no meio acadêmico e do direito sobre as realidades do encarceramento de mulheres e mulheres mães hoje no Brasil. Expor questões como a baixa ocorrência de unidades construídas especificamente para mulheres e o descaso com políticas voltadas para o sistema prisional e a atenção de suas necessidades específicas.

Nossa conversa com Nana e Ana foi repleta de reflexões sobre realidades de desigualdade de direitos e descasos com as mulheres em situação de privação de liberdade. Uma realidade tão próxima de todos e ainda assim tão invisibilizada politicamente e socialmente.

Acreditamos que o projeto “Solta Minha Mãe” contribui positivamente não só com a vida dessas mulheres que serão contempladas com a redução de pena e de seus filhos e famílias, como também com a sociedade em geral, através das reflexões e conteúdos gerados na execução do projeto. Um trabalho importantíssimo e inspirador feito por mulheres para mulheres.

**Saiba mais em @apmariafelipa  
#soltaminhae**







# SÔNIA ASSIS

Sônia Assis é uma mestra. Ela não direciona o seu trabalho à mulher, atua com pessoas. Prefere dizer que se aproxima do fortalecimento de mulheres por meio do feminino presente em todos nós, sobretudo na arte. Para ela, a potência criadora se dá no encontro desses polos feminino e masculino em equilíbrio, o que só é possível a partir do acolher, nutrir e transformar em matéria o que está latente naquele ser.

Artista e educadora, Sônia se dedica a conduzir pessoas ao caminho da expansão do ser por meio do fazer artístico. Para ela, a vida é o caminhar, e, enquanto caminhamos, produzimos. Somos parte desse processo ininterrupto de criação universal e a arte nos mobiliza a entrar em expansão em consonância com a pulsação criadora do universo. E se há algo na vida que vale a pena, no seu ponto de vista, é o mergulho na verdade de si mesmo.

O caminho de Sônia nos ensina sobre o tempo, sobre resistir a partir da poesia e leveza, sobre um feminino compreendido por meio da linhagem ancestral. Ela caminha como alguém que superou a ideia da inferioridade feminina e seguiu sob a proteção e apoio astuto do silêncio materno. Se tornou artista e começou a produzir na Escola Guignard da década de 1970, no Parque Municipal, quando iniciou também sua própria expansão e descobriu que não somos só esse corpo. Casou, teve quatro filhas e, com isso, viveu uma pausa de 20 anos em uma carreira, que começava a se estabelecer, como professora da Escola Guignard, substituindo Amilcar de Castro na disciplina de



Desenho Bi-Tri Dimensional, e também como artista, expondo e publicando sobre arte e educação.

“A vida é engraçada porque há um entrecruzamento de energias interessante”. Essa fala comenta sua retomada, depois dessas duas décadas, quando o universo a colocou de volta na Guignard como professora, e pôde retomar seu trabalho como artista.

Atualmente Sônia oferece oficinas no seu atelier pessoal, para artistas e apreciadores do fazer em artes, com as seguintes propostas:

“Encontro de gerações”: um grupo de crianças e parentes com ligações afetivas que estudam e produzem juntos com sua orientação; “Estudo literário - teoria e prática”: um grupo de estudos teóricos fundamentando a produção de arte; “Expressão em arte”: aula de experimentação e produção artística; “Produção continuada”: encontros de orientação de trabalho e pesquisa em arte; “Atendimento individual”: consultorias artísticas individualizadas.

Estar com Sônia é um presente para quem se permite a levantar o véu e se deixar ser visto, para quem se abre para trilhar o caminho de olhar pra dentro, receber e expandir a verdade que carrega.

O mistério é bom por ter colocado essa mestra neste mundo. É ainda melhor por permitir que todas nós, do Coletivo Naiá, tivéssemos a chance de sermos suas crias.

Sônia, à bênção.

Saiba mais em [@atelie\\_soniaassis\\_](https://www.instagram.com/atelie_soniaassis_)







## TANTINHA (Aparecida Arruda) Ervanário São Francisco de Assis



“Eu não sei mais fazer outra coisa. É muita alegria, é muito profundo trabalhar com as plantas. É minha razão de viver”. (Tantinha)

As plantas sempre fizeram parte da vida de Tantinha, Aparecida Arruda, mas ela não imaginava que a terra e a alquimia das ervas iriam se tornar o seu fazer na vida.

Aos 13 anos de idade, Tantinha curava umbigo dos recém-nascidos e cuidava das parturientes, herança da sua avó Emília Joana, parteira e benzedeira. Mais tarde, ao se casar e ser mãe, estudou com Frei Capuchinho o uso medicinal das plantas a fim de utilizar esse conhecimento em casa com a própria família. E foi assim que surgiu o Ervanário São Francisco, a partir do cuidado e afeto com que Tantinha se dedicava aos seus.

Através da produção dos remédios, produtos naturais e alimentos preparados para as pessoas próximas, aos poucos ela se percebeu mergulhada na arte da cura pela natureza. Tantinha lembra que, no início, seu marido não acreditava nas plantas, no poder delas, mas acabou se envolvendo com a sabedoria do Frei, de tal modo que dedicou a vida a estudar essa medicina a ponto de ouvir e conversar com elas. Fernando foi companheiro de vida e trabalho de Tantinha no Ervanário e cuidou de plantar pelo menos uma árvore por semana até o último momento da sua vida na terra, que recebeu seu corpo de volta no dia 26 de maio de 2017. Hoje, Tantinha entende que trabalhar com as plantas é sua missão, a qual segue agora sem a presença física do seu marido.

O Ervanário São Francisco produz medicamentos, cosméticos e lanches naturais que são encontrados na Feira Terra Viva ou no próprio ervanário. Além disso, proporciona oficinas de agroecologia, alimentação e produção de cosméticos e temperos. Tantinha também faz parte da Comissão Nacional de Raizeiras do Cerrado e contribui para o fortalecimento das mulheres ao defender seu ofício tradicional e a natureza, ao ajudar outras raizeiras a se capacitarem e melhorarem suas práticas e condutas, ao transmitir seus conhecimentos auxiliando no resgate de hábitos saudáveis e ampliando possibilidades financeiras para as mulheres.







# TEATRO ENTRE ELAS



Imagine um grupo de 6 senhoras que se encontram religiosamente duas vezes por semana para vivências arte-terapêuticas, experimentações de jogos teatrais, ensaios, preparação corporal e dança. Imagine encontros nos quais a arte do teatro e arte da vida se misturam através de trocas “entre elas”.

Esse grupo existe e vive na Casa do Beco, na Barragem Santa Lúcia, em Belo Horizonte, e tem nome: Coletivo Teatro Entre Elas.

O Coletivo começou com um encontro da terceira idade promovido pelo CRAS por volta de 2010. A maioria das mulheres buscava uma atividade fora de casa, já que ser mãe e avó na comunidade não é uma tarefa muito tranquila. A princípio o grupo contava com a participação de 26 mulheres. Com o tempo, o CRAS não mais conseguia atendê-las e, devido a tantas dificuldades com a disponibilidade de espaço para os ensaios, o coletivo passou a se encontrar na Casa do Beco, local onde o professor Neil promovia outras atividades.

O primeiro espetáculo produzido por elas, Quando eu vim para Belo Horizonte, estreou na Casa do Beco e percorreu outros espaços, inclusive a Sala Juvenal Dias, no Palácio das Artes, em 2015. Essa peça conta um pouco da história dessas mulheres, que têm em comum o fato de serem naturais de cidades do interior e chegarem ao Morro do Papagaio em busca de uma vida melhor. De certa forma, ouvir a história dessas senhoras é conhecer a história do morro, sua formação, característica e personalidade.

O teatro virou uma paixão, além de ser um importante momento de cuidarem de si e uma das outras. O espetáculo artístico deixou de ser só um hobby a partir do momento que elas reconheceram no projeto um crescimento pessoal, um reconhecimento através do trabalho e uma inspiração para outras mulheres.

O Coletivo Teatro Entre Elas segue com o segundo espetáculo que estreou em dezembro de 2016, também na Casa do Beco, Mãe Raiz do Morro, no qual narram as dificuldades da maternidade na comunidade onde vivem.





# TINA DESCOLADA

“A Tina é poesia na minha vida.” (Marta Alencar)

A Tina nasceu da sensibilidade de Marta Alencar, psicóloga atuante na Associação Mineira de Reabilitação nascida em 1962 no norte de Minas.

Marta trabalha há 22 anos com pessoas com deficiência física. Seu trabalho não é exclusivamente feminino, porém, por atender crianças, a realidade em que está inserida é majoritariamente composta de mulheres, mães que lidam muitas vezes sozinhas com as dificuldades de se criar uma criança com deficiência numa sociedade que não foi pensada e estruturada para incluí-la.

Marta sempre sentiu a necessidade de ampliar o seu trabalho para fora das paredes da Associação. Ela almejava inspirar outras pessoas com deficiência a construírem uma vida com mais qualidade e a mudar o olhar da sociedade em relação a essas pessoas, promovendo uma visão positiva acerca da potência que existe em cada ser além do corpo. Com isso, ela começou a fotografar os pacientes em situações positivas, de forma a trabalhar ao mesmo tempo o acesso a realidades antes não vivenciadas por eles e o registro desses momentos inspiradores.

Esse trabalho rendeu participações em seminários e congressos, além da publicação em 2011 do livro de fotografias Inclusão, olhares e possibilidades, desenvolvido através da Lei Rouanet.



Em junho de 2012, Marta comprou uma boneca articulada da Mattel, que usava uma cadeira de rodas, para trabalhar com uma paciente que não aceitava a situação em que se encontrava. A menina, após conhecer e trabalhar com a boneca, passou a se aceitar melhor. E foi durante a sua sessão de fotos junto à boneca que surgiu a ideia de criar uma personagem forte, valente e descolada, nascendo então Valentina, a Tina Descolada.

A Tina não ganhou só um nome, ela ganhou uma história e uma vida super interessante, com vivências que passaram a ser registradas nas redes sociais – Facebook, Instagram – e blog e compartilhada com o mundo. Com o nascimento da Tina, surgiu também uma oficina de sensibilização, intitulada “Coração Solidário”, na qual os participantes são convidados a confeccionar um coração tendo como monitores pessoas com deficiência. O propósito da oficina é promover um tempo de qualidade, de troca e integração entre as pessoas, de forma a ampliar o olhar e sensibilizar através da convivência. No fim eles levam pra casa o “coração da Tina” e o começo de uma vida mais humana.

Se você não conhece essa boneca incrível e sua turma (sim, ela ganhou amigos e um namorado), venha conhecer! Porque, além de maravilhosa, ela trata com leveza e alegria uma realidade ignorada que necessita urgentemente ser vista e discutida. É assim que surgem as mudanças tão necessárias a este mundo! <3 Obrigada, Tina, por essa revolução tão linda que realiza em nós!

Saiba mais em [@tinadescolada](#)







## VENTRE DE MAGDALA



Respire. Inspire... Expire... Se conecte com o seu corpo... Pise à terra. Escute o tambor e deixe ele te conduzir por suas memórias ancestrais. Respire intensamente e deixe emergir o fogo que vem de dentro. Respire, intencione e escute a mensagem que chega. Dance livremente e deixe suas águas fluírem. Estique os braços... Una suas mãos em frente ao peito, agradeça. Se cuide.

Se escute. Se acolha. Assim é o Ventre de Magdala, um convite à presença e olhar para si.

O projeto Ventre de Magdala surge em 2018 juntamente com o movimento No Caminho do Bem. Ambos promovem encontros de autocuidado em espaços públicos de forma voluntária, mas o Ventre de Magdala tem o foco no fortalecimento feminino. Conduzido por Larissa Jeber (Lalá), Vanessa Oliveira, Lívia Campos e Izabella Amorim (Bella), ele propõe ações nas quais cada uma com suas formações e potencialidades conduzem atividades terapêuticas, holísticas, sociais, ambientais, artísticas, humanitárias, jurídicas...

Um trabalho sutil, generoso, intuitivo, entregue, que promove a união, a partilha, nutrição e o reconhecimento das potências femininas.

**Saiba mais em [@ventredemagdala](#)**









**NOSSA HISTÓRIA**





O Naiá foi um coletivo de criação, produção e desenvolvimento artístico com temática voltada para questões femininas. O coletivo nasceu a partir dos interesses de pesquisa e de criação afins entre as artistas Catarina Maruaia, Lina Mintz e Renata Delgado, que visam um encontro entre a fotografia, a arte e as questões de gênero.

**19 . 08 . 2013**

Oficialmente nasceu o Coletivo Naiá



**18 . 09 . 2013**

Idealização e criação do Calendário de Palhaçaria Feminina, em parceria com o Calcinha de Palhaça, primeira edição

**23 . 10 . 2013**

Criação do calendário Cabelos que Carregam Histórias (material fotográfico e projeto gráfico) para o Coletivo A(r)mando o Black, movimento pró-cabelo black.



**21 . 08 . 2014**

Idealização e criação do Calendário de Palhaçaria Feminina, em parceria com o Calcinha de Palhaça, segunda edição.

**03 . 11 . 2015**

Correalização da I Mostra DiversaS - Feminismo, Arte e Resistência - Oficina na Ocupação Dandara

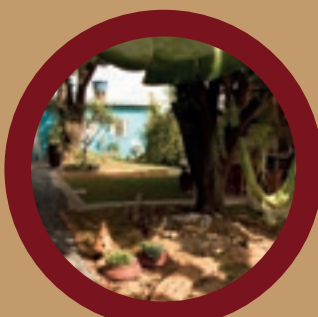


**06 . 04 . 2015**

Participação da exposição Sentidos do Nascer, cedendo fotografias de parto humanizado fotografadas por nós

**28 . 06 . 2015**

Vivência realizada na Tenda do Sagrado Feminino, 8ª edição do festival Andando de Bem com a Vida



**18 . 08 . 2015**

Inauguração da Casa Naiá

**20 . 10 . 2015**

Encontro do grupo de autoginecologia, uma realização do Naiá



**10 . 03 . 2016**

Correalização da II Mostra DiversaS - Feminismo, Arte e Resistência - Oficina com o grupo Meninas de Sinhá

**14 . 03 . 2016**

Produção e oficinas no Projeto Corpo Livre, realizado com os jovens de Conceição do Mato Dentro através de recursos do Fundo Estadual de Incentivo à Cultura







**21 . 10 . 2016**

“Tarde das Mina”. Encontro de mulheres na Flor do Cascalho

**21 . 04 . 2017**

Participação na construção da segunda edição do fanzine Des(a)fiando a Violência Sexual. Idealizado pela Associação Feminista UMAR Coimbra, em Coimbra, Portugal.



**15 . 06 . 2017**

Exposição Cabelos que Carregam História e palestra no III Encontro Art’themis+, promovido pela Associação Feminista UMAR Coimbra, em Coimbra, Portugal.

**13 . 09 . 2017**

Produção e realização do “Mulheres em Círculo”, mapeamento fotográfico, através de recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura



**05 . 05 . 2018**

Encontro presencial “Mulheres em Círculo”

**19 . 04 . 2019**

Produção e realização da segunda edição do projeto “Mulheres em Círculo”, mapeamento fotográfico, por meio de recursos da Lei de Incentivo à cultura.



**21 . 07 . 2019**

II Encontro presencial Mulheres em Círculo. Virada Cultural de Belo Horizonte.



**01 . 10 . 2019**

Registro e proposição de atividade no 3º encontro “Falando de Gênero, rumo a um plano de ação” promovido pela Rede WIEGO (Women in Informal Employment: Globalizing and Organizing)

**03 . 10 . 2019**

Pesquisa de ampliação do projeto “Mulheres em Círculo”, mapeamento fotográfico - Salvador BA



**07 . 03 . 2020**

Exposição Mulheres em círculo no Shopping Estação - Mês das mulheres

**12 . 01 . 2021**

Live de comemoração dos 8 anos do Coletivo Naiá



**02 . 02 . 2021**

Lançamento do Grupo de Estudos do Coletivo Naiá: Poéticas do Encontro

**21 . 12 . 2021**

Publicação e lançamento do e-book digital Mulheres em Círculo - Uma trajetória de 9 anos do Coletivo Naiá



**2023**

Lançamento da publicação impressa “Mulheres em Círculo - uma trajetória de 10 anos do Coletivo Naiá”, através de recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura e encerramento das atividades do Coletivo.







# CATARINA MARUAIA



Sou artista visual e gestora cultural. Atuo desde 2013 com produções artísticas e projetos voltados à autobiografia, à investigação de narrativas sobre violências, sexualidade, relacionamentos (...) e a construção de estratégias de novas relações de afeto e liberdade. Meus trabalhos passam principalmente pelas linguagens da performance, da poéticas do barro, do ensaio visual e das produções artísticas culturais voltadas para mulheres, corpos dissidentes e adolescentes.

Para além da produção e pesquisa pessoal, tenho um percurso de aproximadamente 10 anos de atuação em projetos sociais e culturais com adolescentes e mulheres, abordando assuntos ligados a questões de gênero e possibilitando a experimentação sensorial e de criação por meio de linguagens artísticas, o que me leva ao interesse de experimentar a pesquisa em arte de forma colaborativa.

Firmada, ainda, na compreensão da violência de gênero como base estrutural da sociedade patriarcal e desse constructo social ser instaurado no Brasil com a colonialidade, entendo a importância de se assumir uma postura ética descolonial, na tentativa de criar caminhos para uma compreensão outra desse “ser mulher” atrelado a um corpo com genitália específica.

Assim, minha pesquisa em arte, funciona como uma ferramenta possível de acesso a um conhecimento contra-hegemônico, uma vez que este é disparado pela apreciação das nossas sensações e sentimentos, e pela compreensão das relações e interações como experiências a serem vivenciadas, para, apenas posteriormente, serem racionalizadas, se assim for. Para as mulheres, esse pode ser um modo de conhecimento ainda mais relevante, pois precisamos sonhar e dar nome àquilo que não existe, não foi feito, nem pensado para nós. Sem sonho e inventividade não há como construir o que ainda não existe.

Artista Visual e mestranda na Escola de Belas Artes (UFMG), vive e trabalha em Belo Horizonte/MG. Seu trabalho costura, por meio da palavra, da performance e outras linguagens, histórias autobiográficas, fragmentos de memórias e invenções pessoais e coletadas, abordando frequentemente questões de gênero, afeto e violência a partir das perspectivas das mulheres. Atua desde 2013 em projetos socioculturais, principalmente com mulheres e adolescentes. Acumula experiência em elaboração, desenvolvimento e gestão de projetos. Foi cocriadora do Coletivo Naiá. É coordenadora artística cultural do Se Toque, do Mútua e do Festival Xetruá Lavizala.

**Saiba mais em [@setoque.art](https://www.instagram.com/setoque.art) ; [@cmaruaia](https://www.instagram.com/cmaruaia) ; [@mutua.arte](https://www.instagram.com/mutua.arte) ; [cmaruaia@gmail.com](mailto:cmaruaia@gmail.com)**







Fotógrafa e gestora cultural, meu trabalho é desenvolvido a partir do encontro, da criação conjunta com mulheres e realizações criativas diversas. Atuo desde 2008 na gestão de grupos e coletivos artísticos culturais, adquirindo amplo repertório em processos compartilhados. Em 2013 iniciei meu caminho com a fotografia, investigando os corpos, as individualidades e as potências das singularidades. Sou graduada em Artes Visuais, especializada em Gestão Cultural, artista, curadora e coordenadora das atividades do Mútua, do Se Toque e do Makamba Brincante. Sou coidealizadora do Coletivo Naiá e do projeto “Mulheres em Círculo”.

Mais do que qualquer coisa, os momentos de troca, conversa, diálogo e atravessamentos coletivos são o que me movem a produzir. Desde 2013, quando realizei minha primeira experiência em arte e produção, A Mulher e a Raiz, o encontro entre mulheres vem sendo pautado como ferramenta de construção de conhecimento, de criação artística imagética e de significados. As narrativas de cada uma se encontram e desencontram em diversos pontos e, dessa maneira, vai se criando uma trama, uma costura, dando sequência ao saber mais antigo e duradouro, o saber oral, das histórias em volta do fogo, da prosa em torno da mesa. A narrativa de uma sustenta e desafia a vivência da outra, se alarga e se expande no processo, se encontra e se desencontra nas visões e experiências. Meu trabalho é, antes de tudo, sobre isso: convívio, reciprocidade e tessitura da própria história.

Fotógrafa e gestora cultural, seu trabalho é desenvolvido a partir do encontro, da criação conjunta com mulheres e realizações criativas diversas. Atua desde 2008 na gestão de grupos e coletivos artísticos culturais, adquirindo amplo repertório em processos compartilhados. Em 2013 inicia seu caminho na fotografia, no qual investiga os corpos, as individualidades e potências das singularidades. É graduada em Artes Visuais, especializada em Gestão Cultural, artista, curadora e coordenadora das atividades do Mútua, do Se Toque e do Makamba Brincante.

**Saiba mais em: @linamintz ; @linamintz.fotografia ; @mutua.arte ; linamntz@gmail.com**







Curiosa, iniciei minha formação artística e cultural com 9 anos de idade, quando me encantei pela fotografia através de uma oficina de pinhole em um projeto social do meu bairro. De lá pra cá, não parei mais: vivenciei experiências em diversas instituições culturais e sociais nas áreas de artes visuais, fotografia, danças, canto, percussão, design, comunicação, audiovisual, artesanato...

De educanda, me tornei educadora e atuei por mais de 10 anos em projetos sociais, cursos livres e instituições artísticas e culturais, ministrando e coordenando cursos, workshops e oficinas de fotografia, artes visuais e comunicação.

Ainda com essa curiosidade e desejo de ampliar meu olhar, construí um estilo de vida nômade, transitando por diversas culturas, facilitando encontros, coletando histórias, memórias, trocas de saber, compreendendo, assim, formas diversas de ser e existir do mundo. Resido ora em Minas Gerais, ora na Bahia. Sou feita de montanhas e de mar.

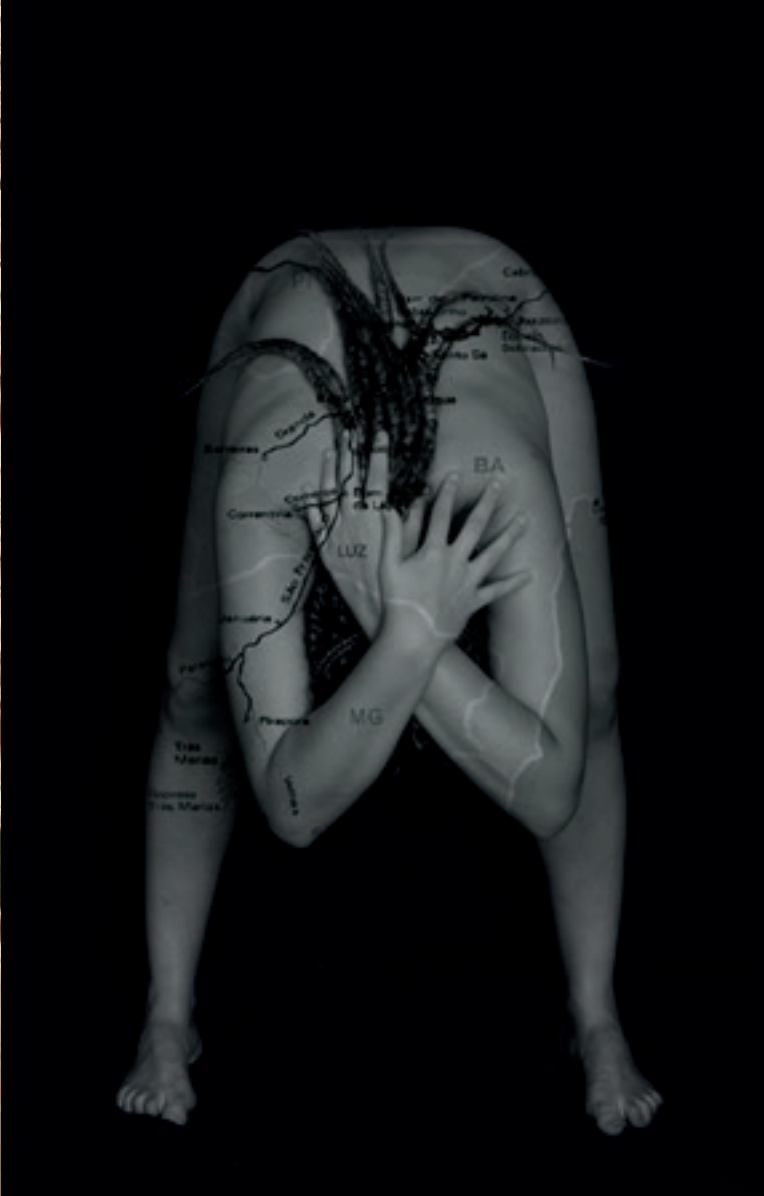
Como uma das fundadoras do Coletivo Naiá, pude nessa experiência unir muitas de minhas facetas. Me compreendi ativista feminista, artista gráfica, articuladora e produtora cultural. Junto com Catarina e Lina, trabalhamos em pesquisas e projetos artísticos voltados para questões ligadas à mulher e à equidade de gênero.

Nos meus trabalhos mais recentes pesquiso, através da foto-performance, o corpo e suas relações, assim como desenvolvo projetos artísticos culturais que promovem a aproximação e conexão entre iniciativas de impacto social do Brasil e América Latina através da arte relacional. Como designer gráfica, aprofundei-me nas criações editoriais e na criação de identidades visuais que compõem visualmente projetos culturais e artísticos. E nessa costura vou tecendo minha vida e criações de forma coletiva e colaborativa.

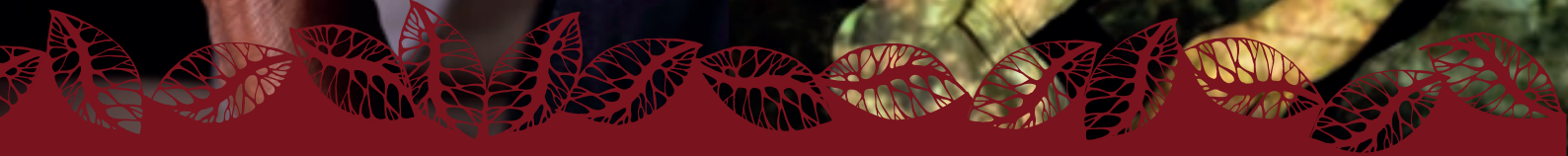
Artista que se expressa de forma múltipla e diversificada. Tem o corpo, suas relações e o entrelaçamento entre arte e ações de impacto social como caminhos investigativos. Suas pesquisas mais recentes envolvem a foto-performance e a arte relacional.

Foi cofundadora do Coletivo Naiá. É graduada em Artes visuais, técnica em Comunicação Visual e especialista em Cultura Visual - Fotografia e Arte Latino-Americana pela Universidade Católica de Pernambuco. Desenvolve projetos artístico-culturais, nos quais atua como artista, gestora, articuladora cultural, designer gráfico, fotógrafa e educadora.

**Saiba mais em: [@renatadelgado](#) ; [correio.renatadelgado@gmail.com](mailto:correio.renatadelgado@gmail.com)**









O QUE ELAS FALARAM DE NÓS



*A visita do “Mulheres em Círculo” aqui em casa/ateliê foi um marco no meu trabalho. A conversa que tive com as meninas me fez pensar de forma afetuosa sobre o que me levou a desenvolver meu processo criativo – falar sobre a minha condição de “mulher do lar” de forma tão descontraída e informal durante um café da tarde me fez enxergar uma mulher do lar menos oprimida e mais criativa.*

*A sessão de fotos me fez repensar o espaço doméstico. Comecei a ver várias possibilidades de inserir o meu corpo e habitar de forma bem humorada os espaços. Uma foto em cima da pia me fez pensar que eu poderia ocupar os espaços de forma bem mais ousada – no dia seguinte à visita das meninas, coloquei a máquina fotográfica no automático e comecei a explorar a casa me fotografando de forma bem diferente de como eu fazia antes (mais divertida e menos oprimida).*

*Usei o texto feito pelo coletivo para apresentar a minha exposição A Mulher e o Lar, que aconteceu na FAOP em Ouro Preto.*

*Usei várias fotografias tiradas pelo coletivo como base para os meus desenhos.*

ITAMARA RIBEIRO







*A Participação do Teatro Entre Elas no “Mulheres em Círculo” nos trouxe vários desdobramentos ao longo destes anos. Em princípio, quando as senhoras participantes do grupo se viram representadas, através do mapeamento, a sensação que elas tiveram foi de ter seus trabalhos reconhecidos. Ao se verem nos registros das fotos que foram feitas pelo Coletivo Naiá, o sentimento foi de satisfação, alegria e motivação para a continuidade dos nossos trabalhos. A sensação de alegria se intensificou ainda mais quando uma das integrantes, Adequimar de Jesus, chegou a ser entrevistada para o programa Horizonte Notícia da TV Horizonte, durante o lançamento do mapeamento. Nesse dia da entrevista,*

*outras mulheres representantes de outras ações também estiveram presentes e tivemos a oportunidade de estreitarmos os laços com uma delas, Cristiane Caldeira, idealizadora do projeto “Reunião das Mulheres”, que, sendo também moradora do Morro do Papagaio, onde nossa ação acontece, não tinha ainda conhecimento sobre o nosso projeto e nem nós sobre o dela.*

*Conhecermos as ações umas das outras, fazendo circular os saberes, promovendo encontros, parcerias e trabalhos foi um dos objetivos do “Mulheres em Círculo”, e nós do “Teatro Entre Elas” tivemos muitas oportunidades de desfrutarmos dessas trocas. Uma das primeiras que fizemos, a partir do mapeamento, foi com a Rede de Empreendedorismo Mulherio Networking, que promoveu, no dia 10 de junho de 2018, um “Treinamento em Instagram para pequenas empreendedoras”, ministrado por Marjorie Zocrato. A partir desse treinamento, fui capaz de me instrumentalizar melhor com relação ao uso do Instagram, otimizando a divulgação das atividades do nosso grupo de teatro.*

*Além das trocas realizadas, tivemos muitas oportunidades de utilizarmos as fotos e o texto que o Naiá fez sobre nossa ação. Em 7 de agosto de 2018, saiu uma matéria no jornal O Tempo, para a coluna da jornalista Ana Elizabeth Diniz, sobre o meu trabalho de cantoterapia com as senhoras atrizes da Casa do Beco, tendo como destaque a foto produzida por Lina Mintz. Além da foto, havia sido mandado como material de pesquisa para a jornalista d’O Tempo o texto que o Coletivo Naiá produziu sobre nosso grupo.*

LILIANE ALVES - coordenadora do grupo de teatro Entre Elas



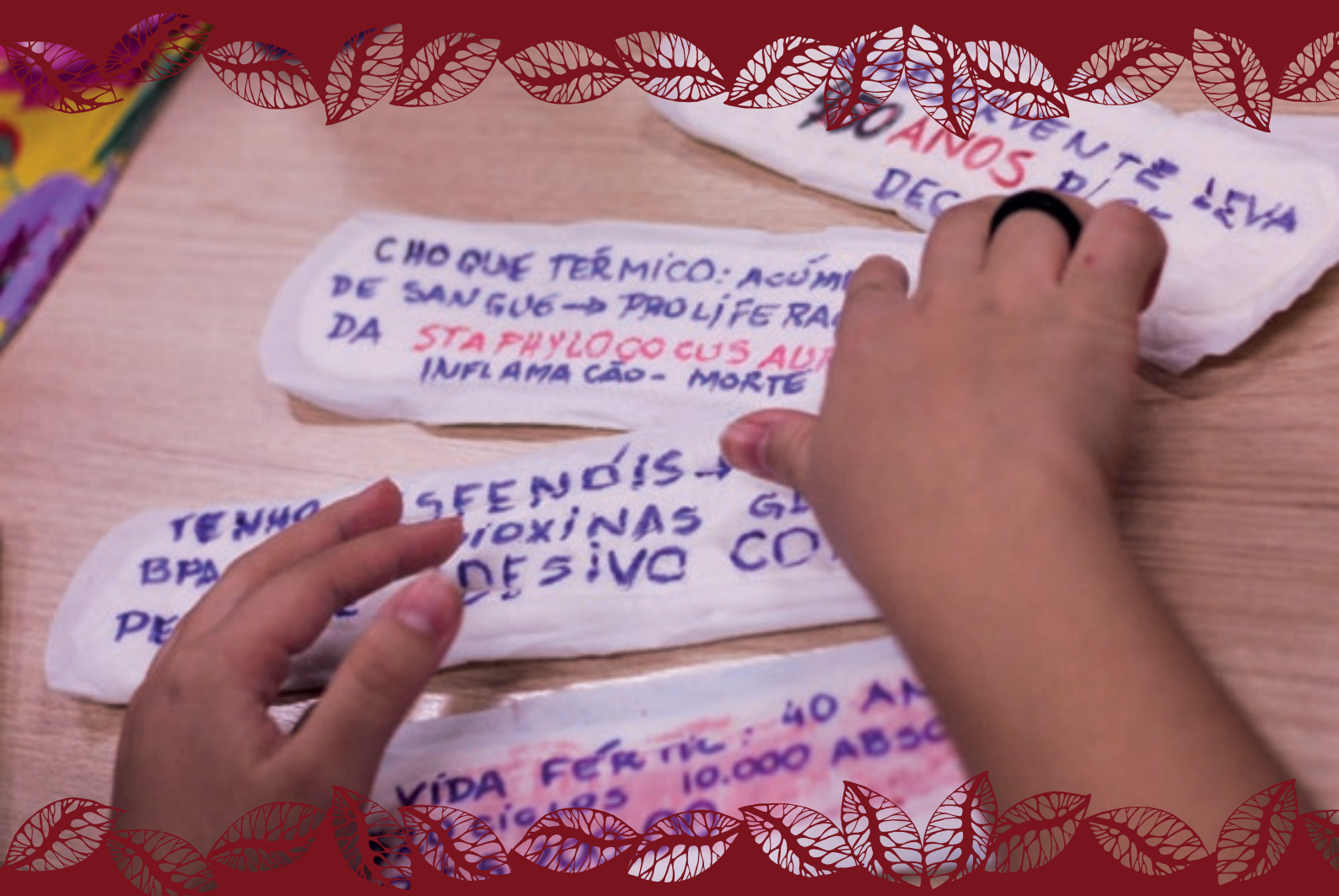


O "Mulheres em Círculo" nos fez mensurar pela primeira vez a quantidade total de mulheres atingidas *direta e indiretamente pelo projeto*. Ficamos felizes ao enxergar nossa força e amor atingindo muitas mulheres e apoiando seus projetos. O material de registro da Lina foi feito num dia lindo que recebemos em nosso espaço e apresentamos as principais performances desenvolvidas na residência. As fotos ficaram tão incríveis que as usamos como tema da nossa segunda mostra que comemorava 1 ano da coletiva

CASARELAS

*A rede de fortalecimento possibilitou que muitas mulheres chegassem ao nosso coletivo, participassem das nossas ações e se engajassem conosco. Uma das integrantes conheceu o coletivo a partir do mapeamento. Além de os registros terem servido para a montagem do nosso portfólio.*

## COLETIVO LUNA





*O “Mulheres em Círculo”, juntamente ao Coletivo Naiá, nos proporcionou conhecer diversos coletivos de mulheres que nem sabíamos da existência, assim construindo uma rede ampla para iniciar um novo projeto no nosso grupo chamado “Quem são elas”. Conhecer novas mulheres e trocar experiências foi sensacional para ampliar e ver outros trabalhos voltados para a arte além do nosso campo de atuação. A forma como o projeto atua trás efetividade para dar visibilidade e voz a diversas mulheres.*

### MINAS DE MINAS CREW

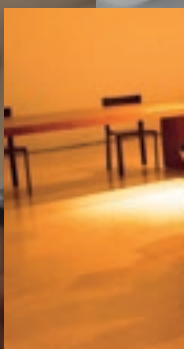
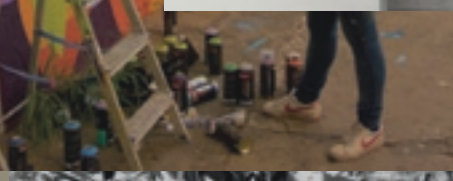




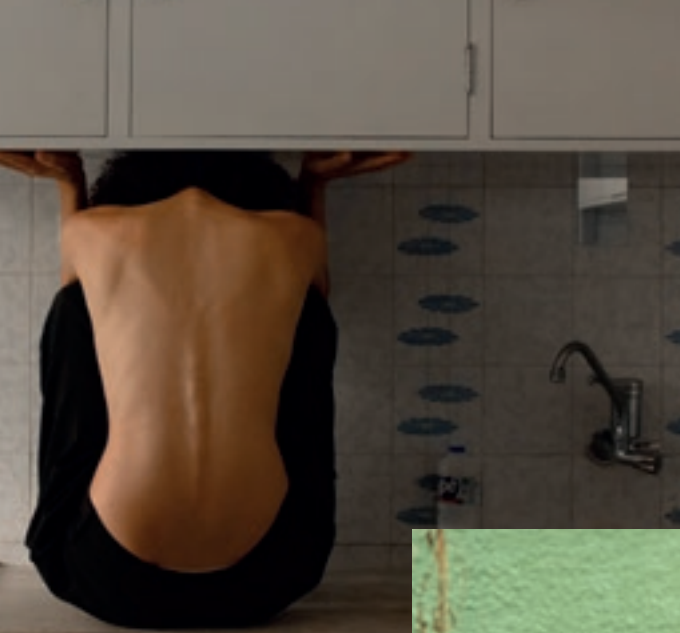
Trouxe desdobramentos sim – usei algumas fotos nas mídias sociais e outro fato interessante foi o pessoal do Observatório da Diversidade Cultural, que me procurou após ver a publicação de vocês.

MARTA ALENCAR - Tina Descolada











**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Maruaia, Catarina

Mulheres em círculo : uma trajetória de 10 anos do Coletivo Naiá / Catarina Maruaia, Renata Delgado, Lina Mintz ; organização Coletivo Naiá. -- 1. ed. -- Belo Horizonte, MG : Ed. dos Autores, 2023.

ISBN 978-65-00-87585-0

1. Artes visuais - Exposições - Catálogos  
2. Belo Horizonte (MG) - Descrição 3. Fotografias  
4. Mulheres - Fotografias I. Delgado, Renata.  
II. Mintz, Lina. III. Naiá, Coletivo. IV. Título.

23-182821

CDD-779.2409

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Mulheres : Fotografias 779.2409

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

---

**Esta publicação foi realizada com recursos da Lei Municipal  
de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte / Edital Descentra**

---

Fotografias: Coletivo Naiá - Catarina Maruaia, Lina Mintz, Renata Delgado

Textos: Coletivo Naiá - Catarina Maruaia, Lina Mintz, Renata Delgado

Capa e projeto gráfico - Renata Delgado





ISBN: 978-65-00-87585-0

BR



9 786500 875850





**Projeto 0881/2022**

REALIZAÇÃO:

PROJETO REALIZADO PELA  
SOCIEDADE CIVIL COM  
RECURSOS ORIUNDOS DA  
**POLÍTICA DE FOMENTO À  
CULTURA MUNICIPAL**

INCENTIVO:

**LMIC**  
LEI MUNICIPAL DE  
INCENTIVO À CULTURA

**CULTURA**



**PREFEITURA  
BELO HORIZONTE**

TRABALHANDO POR UMA cidade  feliz